Como sei que Deus responde a oração Rosalind Goforth

Em outubro de 1887, pouco antes do nosso casamento, meu marido foi aceito pela Igreja Presbiteriana do Canadá para abrir um novo campo missionário no norte da província de Honan, na China. Saímos de navio em janeiro de 1888 e chegamos à China no mês de março. Nem sonhávamos das enormes dificuldades da tarefa que nos esperava.

Uma carta do conhecido missionário Hudson Taylor nos deu a primeira idéia do desafio:
"Estamos sabendo que o norte de Honan é o campo onde irão trabalhar. A nossa missão está tentando há dez anos entrar naquela província e só agora conseguimos uma pequena porta. É uma das províncias mais hostis a estrangeiros na China. Irmãos, se quiserem entrar ali, terão de avançar de joelhos…"
Essas palavras marcaram nossos primeiros anos de trabalho pioneiro naquele lugar. Nossa força como missão e como indivíduos, durante aqueles anos tão carregados de perigos e dificuldade, derivou somente do nosso reconhecimento de que a nossa tarefa, sem auxílio divino, era totalmente impossível.

Apoio da Base em Oração

Ficamos inicialmente numa outra missão, fora da província de Honan, para aprender o idioma. Meu marido estava encontrando grande dificuldade para dominar a língua; embora estudasse fielmente durante muitas horas, seu progresso era doloroso e lento. Junto com um colega, costumava ir regularmente a um lugar público para treinar, pregando em chinês ao povo; entretanto, mesmo tendo bem mais tempo do que o colega no país, o povo sempre pedia que o outro pregasse, porque conseguia compreendê-lo melhor.
Um dia, logo antes de sair como de costume para a pregação, meu marido me disse: "Se o Senhor não me der ajuda sobrenatural no idioma, receio que me fracassarei como missionário".
Algumas horas depois, ele voltou, seu rosto radiante de alegria. Contou-me que sentiu uma intervenção muito clara quando chegou sua vez para falar: frases vieram à sua mente como nunca antes e, não só conseguiu se fazer entender, mas várias pessoas vieram à frente depois para conversar mais com ele. De tão maravilhado e encorajado que ficou, fez uma nota do incidente no seu diário.
Mais de dois meses depois, uma carta chegou de um estudante na nossa cidade de origem no Canadá, dizendo que em determinada noite um grupo se reunira especialmente para orar por nós. O poder na oração foi tamanho e a presença de Deus tão sensível que resolveram escrever e perguntar se houve alguma intervenção especial naquela data. Conferindo no seu diário, Jonathan verificou que o tempo daquela reunião de oração correspondeu exatamente ao momento da ajuda sobrenatural na sua pregação. Isso mostra a importância das pessoas que ficaram no país de origem orarem em favor daqueles que saíram para o campo.

Proteção de Perigo

Durante o tempo em que aguardávamos a possibilidade de nos mudarmos para Honan, nós, as esposas dos missionários, passávamos constantemente por angústia. Cada vez que os maridos saíam para fazer viagens à região, nossos corações se enchiam de temor,

com receio de que nunca mais os víssemos. O perigo que corriam era muito grande, no entanto, o Senhor, na sua misericórdia, ouviu nossas orações. Embora freqüentemente passassem por provações e dificuldades, nenhum deles chegou a ser gravemente ferido.
A seguir, uma das experiências que ilustra como o Senhor os guardava naqueles dias. Dois irmãos do nosso grupo missionário alugaram uma propriedade numa vila dentro da província de Honan, perto do rio Wei, a pouca distância da fronteira. Foram para lá, com intenção de passar o inverno, mas uma perseguição repentina e violenta irrompeu assim que acabaram de se instalar. Uma multidão atacou o local da missão e saqueou tudo que tinham. Os dois missionários foram agredidos e um deles, arrastado em volta do pátio. Finalmente, foram deixados, suas vidas poupadas, porém sem possessão alguma.
A situação estava bastante crítica, pois os amigos mais próximos ficavam a vários dias de viagem, e não possuíam dinheiro, roupa de cama, ou roupas pessoais, além do que tinham no corpo. O intenso inverno já havia começado.
Em sua extremidade, ajoelharam-se e se entregaram ao cuidado do Senhor. Fiel às suas promessas, o Senhor lhes respondeu, pois enquanto ainda oravam, um missionário de um posto distante estava a caminho. Ele chegou inesperadamente, sem saber o que acontecera, poucas horas depois dos saques. Sua chegada em tal momento oportuno encheu os corações do povo da vila de temor. Dinheiro e bens foram devolvidos e, daquele tempo em diante, a oposição violenta cessou.

Dirigindo as Mãos do Médico

Poucos meses depois do incidente acima, conseguimos nos mudar para a província de Honan, junto com algumas outras famílias. Embora não houvesse violência, o coração do povo parecia duro como pedra. Odiavam-nos e desconfiavam de nós como se fôssemos seus piores inimigos. Este distrito era conhecido pelo seu espírito turbulento e por sua hostilidade contra estrangeiros e, como missionários, freqüentemente corríamos grave perigo.
Muitas vezes percebíamos que nós, assim como co-obreiros em outros postos missionários, éramos guardados de sérios riscos somente pelo poder protetor e soberano de Deus, em resposta às muitas orações que subiam em nosso favor, nesse momento tão crítico da história da nossa missão. A seguir, um exemplo concreto de como Deus ouviu nossas orações nesse tempo.
Contávamos, em nosso grupo, com um missionário que era médico, um homem com talentos admiráveis. Possuía anos de treinamento especializado e experiência prática em hospitais e era considerado um dos médicos mais destacados da sua cidade de origem. Aqui na missão, porém, passaram-se meses sem aparecer um caso significativo para ser tratado. Além de não conhecer o médico, nem as suas habilidades, o povo tinha medo de se colocar em suas mãos. Começamos a orar especificamente para que o Senhor enviasse pessoas com necessidade ao hospital, que pudessem abrir o coração do povo para conosco e para a nossa mensagem.
Em pouco tempo, vimos nossas orações respondidas acima de toda expectativa. Vários casos importantes apareceram, quase ao mesmo tempo, um tão sério que o médico hesitou por alguns dias antes de operar. Quando finalmente efetuou a operação, as mãos do médico foram fortalecidas por nossas orações, o paciente sobreviveu com segurança e, poucos dias depois, estava andando pela cidade como milagre vivo diante do povo. Muita coisa dependia desse resultado e das outras cirurgias delicadas que o médico realizou nessa mesma época. Se algum dos pacientes tivesse morrido nas suas mãos, teria sido suficiente para causar a destruição de todas as propriedades da missão e a

morte de todos os missionários. Três anos depois, os registros do hospital mostravam uma média de 28.000 tratamentos por ano!

Novos Convertidos

Nossa oração constante era que o Senhor nos desse convertidos desde o princípio. Sabíamos de missionários na Índia, na China e em outros lugares, que haviam trabalhado por muitos anos sem ganhar um convertido, mas não acreditávamos que essa era a vontade de Deus para nós. Críamos que era sua vontade e prazer salvar homens e mulheres por meio dos seus canais humanos, e por que não desde o princípio?

O primeiro a se converter foi Wang Feng-ao, que foi conosco para Honan como professor particular do meu marido. Era um homem com alto grau de estudo, equivalente a um mestrado no Ocidente, e era um dos seguidores mais orgulhosos e altivos de Confúcio. Ele desprezava os missionários e seus ensinamentos, e tão grande era sua hostilidade que batia na esposa cada vez que ela vinha para nos ver ou ouvir nossa mensagem. Mesmo assim, Jonathan continuava orando por esse homem e usava toda sua influência para ganhá-lo para Cristo.

Poucos meses depois, uma grande mudança ocorreu na vida do Sr. Wang. Seu ar soberbo e esnobe se mudou e ele veio a se tornar um seguidor simples e devoto do humilde Nazareno. Deus usou um sonho para despertar a sua consciência, o que não é incomum na China. Certa noite, ele sonhou que estava lutando para sair de um poço fundo e lamacento. Por mais que se esforçasse, não encontrava meio de escapar. Quando estava prestes a desistir, ele olhou para cima e viu Jonathan com outro missionário, estendendo suas mãos para salvá-lo. Ainda assim, tentou achar uma outra forma de sair; finalmente, sem saída, permitiu que os dois o puxassem para fora.

Este homem tornou-se, depois, um dos evangelistas mais dedicados da equipe do meu marido. Por muitos anos, seus maravilhosos dons foram usados, para a glória do seu Mestre, na obra entre a classe mais intelectual no distrito de Changtefu.

Outra ponta de luz, no meio da escuridão daqueles primeiros dias, foi a conversão impressionante de Wang Fu-Lin. Durante muitos anos, fora um contador de estórias público; porém, quando Jonathan o encontrou, sua vida estava em ruínas devido ao vício do ópio. Ele aceitou o evangelho, mas por muito tempo não conseguia força suficiente para romper com o hábito que o escravizara. Vez após vez, tentava fazer isso e falhava miseravelmente.

O pobre homem estava quase sem esperanças quando, um dia, Jonathan o trouxe à missão na sua carroça. Os dez dias que se seguiram nunca serão esquecidos por aqueles que viram Wang Fu-Lin lutando para sobreviver física e espiritualmente. Com certeza, nada além da oração o poderia ter feito vencer. No final dos dez dias, o poder do ópio estava quebrado e Wang Fu-Lin saiu da luta como um novo homem em Jesus Cristo.

Cura Divina

Logo depois de chegar na China, ouvi um testemunho de Hunter Corbett, um dos missionários mais dedicados e santos que já conheci, o qual Deus usou mais tarde para me salvar e me impedir de voltar para o Canadá.

Dr. Corbett contou que todo ano, durante quinze anos, ele havia se acamado com aquela terrível aflição do Oriente, a disenteria. Finalmente, os médicos lhe deram uma decisão definitiva de retornar imediatamente à sua terra natal e abandonar o serviço missionário na China.

"Porém", disse aquele grande homem, "eu sabia que Deus havia me chamado à China e

também que Deus não mudava. Então, o que eu poderia fazer? Não ousava voltar atrás no meu chamado; assim, determinei que se eu não podia viver na China, só me restava morrer ali. Daquele dia em diante, a doença perdeu seu poder sobre mim."
Nessa época, já fazia quase trinta anos que o Dr. Corbett estava na China. Ele viveu muitos anos depois e faleceu com quase noventa anos de idade.
Pois bem, durante vários anos eu também passei a sofrer dessa mesma doença. Cada ano que passava, a doença parecia se fortalecer mais e se apoderar mais de mim. Finalmente, meu marido trouxe a decisão dos médicos, dizendo que eu teria de retornar para o Canadá. Enquanto estava deitada ali, enferma e enfraquecida, a tentação de ceder e entregar os pontos veio com muita força. Lembrei-me, então, do testemunho do Dr. Corbett e do meu próprio chamado, que era tão claro, e senti que voltar seria ir contra minha própria consciência. Determinei, assim, fazer o que ele fizera: entregar-me às mãos do Senhor, quer para vida, quer para morte. Isso aconteceu há mais de vinte anos e, desde então, tive muito pouco problema com aquela temida doença.
Sim, quanto maior a necessidade, quanto mais amarga a extremidade, maior é a oportunidade para Deus revelar seu grande poder nas nossas vidas, se tão-somente lhe dermos uma chance através de obediência inabalável, seja qual for o custo.

"No dia em que eu clamei, tu me acudiste, e alentaste a força de minha alma" (Sl 138.3).
Durante nosso quarto ano na China, quando estávamos passando a estação do calor perto do litoral, nosso pequenino filho, com dezoito meses, ficou gravemente doente com disenteria. Depois de lutar vários dias pela vida da criança, começamos a sentir que o anjo da morte estava prestes a chegar.
Minha alma inteira se rebelava; parecia até mesmo que eu odiava a Deus. Eu não podia ver nada senão cruel injustiça em tudo isso, e meu filho parecia estar partindo rapidamente. Ajoelhei-me com meu marido perto do berço e ele suplicou intensamente para que eu cedesse minha vontade e meu filho a Deus. Depois de uma longa e amarga peleja, Deus obteve a vitória, e falei com meu marido que estava entregando o filho ao Senhor. Em seguida, Jonathan orou, entregando a preciosa alma do nosso filho ao cuidado do nosso Pai.
Enquanto ele orava, notei que a respiração irregular e ofegante da criança havia parado. Pensando que meu tesouro já havia partido, procurei rápido por uma luz, pois estava escuro. Ao examinar o rosto dele, porém, percebi que acabara de adormecer num sono profundo e natural, que durou a maior parte da noite. No dia seguinte, estava praticamente curado da disenteria.
Para mim, sempre pareceu que o Senhor havia me provado até o último momento da minha força natural. Depois, quando cedi a ele o meu maior tesouro e coloquei o Senhor em primeiro lugar, ele me devolveu a criança.

http://www.oarautodasuavinda.com.br/como-sei-que-deus-responde-a-oracao-parte-i

A história da abertura do nosso campo de trabalho em Changte, na China, foi tão interligada por respostas à oração que se eu contasse fatos isolados, quebraria a corrente dos acontecimentos.

Um Campo Prometido por Deus
Poucos meses após nossa chegada à China, um missionário mais velho e experiente bondosamente se ofereceu para levar meu marido, Jonathan, e seu colega, que acabara de chegar na China, por uma viagem de reconhecimento, a fim de poderem ver o campo

por si mesmos.
Viajando a pé em direção ao sul, atravessaram, certo dia bem cedo, a fronteira da província de Honan. Enquanto Jonathan andava ao lado do carro de boi, ele sentiu de orar para que o Senhor lhe desse aquela região como seu campo de trabalho. Logo veio a convicção que seu pedido fora concedido. Abrindo seu devocional diário, descobriu que a passagem para aquele dia era Isaías 55.10-13. Como promessa preciosa para aquele campo, vieram as palavras:
Porque assim como descem a chuva e a neve dos céus, e para lá não tornam, sem que primeiro reguem a terra e a fecundem e a façam brotar… assim será a palavra que sair da minha boca; não voltará para mim vazia, mas fará o que me apraz, e prosperará naquilo para que a designei.
Durante seis anos, entretanto, nossa fé foi duramente testada. De todos os lugares, Changte parecia ser o lugar mais determinado a impedir os missionários de chegar perto. E havia outros obstáculos. Um presbitério havia sido formado depois que outros missionários se ajuntaram a nós e todos os assuntos precisavam ser julgados por aquele conselho. Dois novos postos já haviam sido abertos, onde havia mais facilidade de se estabelecer uma base, e todos os esforços eram necessários para fortalecer aquelas iniciativas. Assim, por seis anos a porta para Changte permaneceu totalmente fechada. Mesmo assim, em momento algum, Jonathan perdeu de vista a promessa que Deus lhe fizera, nem deixou de acreditar nela.
Vez após vez, quando Jonathan e seu colega visitaram a cidade, eram ameaçados e atacados, e o povo demonstrava extrema hostilidade. Finalmente, porém, chegou o dia em que a permissão do presbitério, pela qual havíamos orado por tanto tempo, foi concedida. No dia seguinte, Jonathan já estava a caminho de Changte para adquirir uma propriedade para levantar a sede da missão.
Muitas vezes depois disso, ele teve oportunidade de relatar como orou durante toda aquela viagem para que o Senhor abrisse o coração do povo e o tornasse disposto a oferecer-lhe a propriedade mais adequada para o trabalho ali. Dentro de três dias depois da sua chegada ao local, já tinham lhe oferecido 35 propriedades, e dentre essas ele escolheu exatamente aquela que escolhera algum tempo antes como o lugar mais ideal para a missão.
Assim, o Senhor começou a quebrar em pedaços os portões de ferro que nos haviam impedido, por tanto tempo, de entrar na nossa terra prometida.
Um ano depois, fui ajuntar-me, com nossos três filhos pequenos, ao meu marido no campo. Ficou combinado que nosso colega tomaria conta do evangelismo externo, enquanto nós estivéssemos abrindo a obra no posto principal.

Suprindo Nossas Necessidades: Um Assistente Masculino
Para compreender como Deus supriu nossas necessidades, é preciso primeiro explicar que necessidades eram essas. Decidimos, desde o início, que ninguém seria recusado na nossa porta. Jonathan recebia os homens na sala da frente, enquanto as mulheres e crianças entravam na parte mais interior da casa. Durante as primeiras semanas e meses, literalmente centenas e milhares de pessoas se aglomeravam para nos ver. Dia após dia, éramos sitiados. Até na hora das refeições, nossas janelas ficavam cheias de rostos nos observando.
As perguntas que estavam sempre diante de nós naqueles dias eram: como aproveitar ao máximo essa maravilhosa oportunidade, que nunca mais voltaria depois de passado o período de curiosidade inicial; como ganhar a amizade desse povo que demonstrava em centenas de maneiras seu ódio e desconfiança de nós; e como alcançar seus corações com nossa maravilhosa mensagem do amor do Salvador.

Procurávamos fazer, dia após dia, o melhor que podíamos com a força que nos era dada. Desde cedo até o escurecer, às vezes por nove ou dez horas por dia, a tensão de receber e pregar para essas multidões continuava. Meu marido tinha que supervisionar os trabalhadores, comprar materiais para construção e atender às centenas de coisas necessárias para estabelecer o posto missionário. Além de tudo isso, ainda tinha que receber e pregar às multidões que vinham.

Não havia nenhum evangelista nativo para ajudar, pois o Sr. Wang (cuja história está na Parte I desta série) estava emprestado a um outro missionário naquela época. Eu tinha meus três filhos pequenos para cuidar, sem qualquer ajuda de babá ou empregada doméstica, e sem uma assistente nativa para ensinar a Bíblia ao povo. Quando eu estava exausta demais para falar com o pátio cheio de mulheres, eu chamava meu marido que, embora cansado também, passava a falar no meu lugar. Depois descansávamos um pouco e cantávamos um hino.

Assim os dias passavam. Mas logo entendemos que precisávamos de ajuda, pois do contrário nós dois entraríamos em estafa total.

Um dia, Jonathan veio a mim com sua Bíblia aberta na promessa: “E o meu Deus… há de suprir em Cristo Jesus cada uma de vossas necessidades” (Fp 4.19). Então ele me perguntou: “Nós realmente acreditamos nisso? Se acreditamos, então Deus pode e realmente há de suprir-nos com uma pessoa para ajudar-nos a pregar às multidões que vêm, se pedirmos com fé”.

Ele orou de forma muito específica por um homem que o ajudasse na pregação. Com minha mente obscurecida pela dúvida, pensei que fosse como pedir por chuva com um céu totalmente limpo. No entanto, ainda enquanto ele orava, Deus estava agindo sobre alguém para enviá-lo a nós. Um dia ou dois depois, apareceu na missão um ex-viciado em ópio, Wang Fu-Lin, cuja conversão também foi relatada na Parte I (não confundir com Wang Feng-ao, mencionado acima).

Ninguém poderia ter parecido menos com a resposta às nossas orações do que aquele homem. Extremamente emaciado devido aos longos anos fumando ópio, atribulado por uma tosse que três anos mais tarde acabaria levando-o à morte, usando roupas tão sujas que somente um mendigo usaria, era realmente um quadro digno de dó. Entretanto, o Senhor não vê como vê o homem.

Depois de consultarmos juntos, Jonathan resolveu experimentá-lo por alguns dias, acreditando que ele poderia pelo menos dar testemunho do poder de Deus para salvar do ópio. Logo estava vestido com roupas chinesas do meu marido; e dentro de pouco tempo depois da sua chegada, ele estava sentado na capela dos homens, dirigindo o trabalho, tão transformado que quase não daria para reconhecê-lo.

Desde o primeiro dia do seu ministério em Changte, não houve dúvida na mente de quem quer que o ouvisse que, de fato, ele tinha sido enviado por nosso bondoso Deus, pois estava agraciado de forma notável com a unção e o poder do Espírito Santo. Seus dons como pregador estavam todos consagrados para uma finalidade – ganhar almas para Jesus Cristo. Ele parecia estar consciente de que lhe restava pouco tempo de vida e, assim, falava como um homem próximo da morte a outros homens que também estavam a um passo da eternidade. Não era de se admirar, portanto, que, desde o princípio do seu ministério na capela, muitos homens foram ganhos para Jesus. Deus o poupou para ajudar-nos a lançar o alicerce da igreja em Changte, antes de chamá-lo para cima.

Suprindo Nossas Necessidades: Uma Assistente Feminina

Assim a necessidade de Jonathan foi solucionada pela vinda do Sr. Wang Fu-Lin, mas não a minha. A forma notável pela qual Deus o enviara, entretanto, deu-me coragem e fé para confiar em Deus para me dar uma assistente também. Quem conhece um pouco

sobre a obra missionária na China [naquela época – 1894-1900], sabe que é muito mais difícil achar mulheres do que homens para pregar o evangelho. Mesmo quando se acha uma mulher que tem condições de pregar, muitas vezes ela não está livre de responsabilidades para fazer esse trabalho. Contudo, eu estava começando a aprender que Deus é limitado somente pelo lado humano, e que ele está sempre disposto a dar além do que pedimos, se as condições humanas delineadas tão claramente na sua Palavra forem satisfeitas.
Pouco tempo depois que comecei a pedir ao meu Pai celestial especificamente por uma assistente de pregação, um dos missionários voltou de uma viagem e suas primeiras palavras ao chegar foram: “Bem, Sra. Goforth, acho que temos uma assistente de pregação já preparada para você!”.
Em seguida, ele nos contou como uma viúva e seu filho, que moravam numa vila nas montanhas, haviam recebido o evangelho por meio da pregação de um novo convertido de um dos nossos outros postos missionários. Esse homem pertencera antes à mesma seita religiosa da viúva e seu filho. Quando encontrou Cristo, ele logo se lembrou dos seus amigos e foi lá para a região montanhosa para falar com eles. A Sra. Chang recebeu o evangelho com alegria. Ela era uma pregadora na seita pagã à qual pertencia e, assim, já tinha a fluência e a prática em falar com audiências tão necessárias para pregar o evangelho.
O caminho logo se abriu para que ela viesse a Changte, onde se tornou minha constante companheira e valiosa assistente na obra com as mulheres durante aqueles primeiros anos. Ela foi também uma testemunha fiel ao Senhor, pois em 1900 foi pendurada pelos polegares por se recusar a negar seu Salvador. Serviu fielmente como pregadora do evangelho até a sua morte em 1903.

http://www.oarautodasuavinda.com.br/como-sei-que-deus-responde-a-oracao-parte-ii

Pagando o Preço
Durante os primeiros dois ou três anos em Chang Te Fu, moramos em casas chinesas insalubres, muito baixas e úmidas. Achamos melhor, diante disso, mandar construir uma casa num estilo semi-estrangeiro.
A obra de Deus estava indo muito bem, na época, com novos convertidos chegando toda semana, às vezes quase diariamente. Nosso temor era que uma casa diferente das casas chinesas normais pudesse ser um empecilho à obra, criando uma barreira de separação entre nós e o povo. Por isso, oramos para que Deus a usasse como meio de alcançar mais pessoas – que fosse uma bênção e não um empecilho.
A resposta a essa oração, como muitas vezes ocorre, dependia em grande medida de nós mesmos. Precisávamos estar dispostos a pagar o preço que a resposta exigia.
Na prática, isso significava que, para nossa oração ser respondida, precisaríamos manter a casa aberta “ao público” todos os dias, o dia todo, o que não era fácil de jeito nenhum. Alguns nos aconselharam a não fazer isso, pois nos tornaria mais comuns, com menos respeito, aos olhos dos chineses; outros diziam que seria perigoso, por causa do perigo de infecções para as crianças.
Com o tempo, todas as objeções se provaram infundadas. Recebemos todas as pessoas, desde as mais distintas até as mais humildes, e ganhamos assim a sua amizade. E, até onde sei, nossos filhos nunca foram contagiados por recebermos tanta gente em nossa casa.
O auge em números foi atingido na primavera de 1899, quando 1.835 homens e várias centenas de mulheres foram recebidos por nós num único dia. Todos ouviam o

evangelho em grupos grandes e depois eram conduzidos pela casa. Vimos evidências do benefício dessa estratégia muitas e muitas vezes, em todas as partes do campo onde trabalhamos na China. Abria o coração do povo para conosco e contribuía para apagar desconfianças e suspeitas como nenhum outro plano poderia ter feito.

Grave Enfermidade

Em maio de 1898, saímos de viagem com nossos filhos para Tientsin de barco, para um descanso muito necessário. Logo enfrentamos tempo frio e úmido. Doze dias depois, quando estávamos nos aproximando de Tientsin, nosso filho mais velho subiu no convés e se expôs a um vento gelado, sem casaco, e contra minhas ordens. Pouco tempo depois, ele estava sentindo calafrios violentos. Ao chegarmos em Tientsin, um médico deu o veredicto: pneumonia.

No dia seguinte, logo depois do meio-dia, um segundo médico, que havia sido consultado também, contou para uma amiga nossa que o garoto não passaria daquela noite. Medi a sua temperatura, e estava acima de 41º C. Ele estava extremamente inquieto, virando de um lado para outro, queimando de febre.

Sentei-me ao lado dele, com um clamor interior para que o Senhor me ajudasse, e falei-lhe com muita clareza: "Paul, você me desobedeceu e por isso contraiu essa doença. Eu lhe perdôo; agora peça a Jesus que lhe perdoe também e se entregue a ele".

O garoto olhou fixamente para mim por um instante, depois fechou os olhos. Vi os seus lábios se mexendo por um momento e, em seguida, ele adormeceu profundamente. Quando acordou, ao anoitecer, medi sua temperatura novamente. Havia abaixado para 38,3º C. Quando o médico voltou, a temperatura estava normal e não subiu mais. Embora estivesse com uma hemorragia nos pulmões, isso também logo cessou.

Jesus Cristo não é o mesmo, ontem, hoje e eternamente? Por que duvidaríamos, então, da sua disposição de curar ainda hoje*? "Seja-vos feito segundo a vossa fé."*

Fé de Criança

Durante aqueles primeiros anos pioneiros, enquanto estávamos lançando os fundamentos da igreja de Changte, minha fé débil foi envergonhada muitas vezes ao ver os resultados da fé simples, de criança, dos novos cristãos chineses. Algumas das respostas à oração eram tão extraordinárias que até outros pastores e ministros na nossa terra natal (Canadá) expressavam dúvidas quando as contávamos lá. Mas, graças a Deus, eu sei da sua veracidade. Eis um exemplo:

Li-ming, um evangelista amoroso e intenso, possuía terras um pouco ao norte de Chang Te Fu. Numa ocasião, quando estava passando por lá, encontrou todos os seus vizinhos colocando pequenas varas ao redor de suas plantações, com bandeirinhas. Acreditavam que isso impediria os gafanhotos de consumirem os grãos da lavoura.

Todos insistiram com Li-ming para fazer o mesmo e para adorar o deus dos gafanhotos, pois, do contrário, toda sua lavoura seria consumida. Li-ming respondeu: "Eu adoro o único verdadeiro Deus, e vou orar para que ele guarde os meus grãos. Assim vocês saberão que somente ele é Deus".

Os gafanhotos vieram e comeram em volta da lavoura de Li-ming, por todos os lados, mas não tocaram nas plantações dele. Quando meu marido, Jonathan, ouviu essa história, ele quis ter certeza e foi ao local para obter provas. Chegando lá, perguntou aos vizinhos o que sabiam a respeito disso. Todos confirmaram que, quando os gafanhotos vieram, as lavouras deles foram consumidas enquanto a plantação de Li-ming foi intocada.

O Senhor Jesus disse certa vez, depois de um conflito com incredulidade e hipocrisia: *"Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos*

sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos" (Mt 11.25).

Duas Crianças Doentes – Duas Respostas Diferentes

Nossa filhinha, Gracie, adoeceu com uma doença terrivelmente fatal, tão comum em regiões onde há malária: baço aumentado. Os médicos diagnosticaram sua condição como impossível de ser tratada e sem esperança.

Um dia, uma mulher chinesa, cristã, veio para nossa casa com seu filho que tinha a mesma idade de Gracie e a mesma enfermidade. A pobre mãe estava em grande angústia, pois o médico também lhe dissera que não havia esperança. Ela achava que se implorássemos ao médico, ele poderia salvar seu filho. No fim, meu marido mostrou-lhe nossa filha, Gracie, e disse: "Certamente, se o médico não pode salvar a nossa criança, tampouco pode salvar a sua; a única esperança sua e nossa está no Senhor somente".

A mãe era uma mulher sem instrução, pobre, trabalhadora, mas ela tinha a fé simples de uma criancinha. Algumas semanas depois, ela veio novamente e contou-me a seguinte história:

"Quando o pastor me disse que minha única esperança era no Senhor, acreditei nele. Ao chegar em casa, chamei meu marido e juntos entregamos nosso filho nas mãos de Deus. Senti certeza absoluta que a criança ficaria bem, por isso passei a não lhe dar mais atenção do que daria a uma criança sadia. Em mais ou menos duas semanas, ele parecia estar tão bem que o levei novamente ao médico, que não achou mais nada nele."

Aquela criança chinesa cresceu e tornou-se um homem saudável, enquanto que a nossa filhinha morreu. No entanto, oramos por ela como poucas pessoas, talvez, já oraram por uma criança. Por que, então, sua vida não foi poupada? Não sei responder. O que sei é que havia na minha vida, naquela época, o pecado de amargura para com uma outra pessoa e a indisposição de perdoar uma ofensa. Essa era causa suficiente para impedir qualquer oração e, de fato, impediu por algum tempo, até que foi acertado.

Esse caso de oração não respondida abalou minha fé na disposição e no poder de Deus para ouvir nossos pedidos? De forma alguma! Um filho meu poderia, com o mesmo argumento, decidir que nunca mais iria me pedir coisa alguma porque eu, com sabedoria superior, havia negado uma petição sua. Não é verdade que nós, nos relacionamentos com nossos filhos, achamos por bem conceder certas coisas num momento e negá-las em outro? *"O que eu faço não o sabes agora, compreendê-lo-ás depois"* (Jo 13.7).

Misericórdia do Pai

Uma das experiências mais preciosas da misericórdia amorosa de Deus veio em conexão com a morte da nossa pequenina Gracie.

Havíamos sido avisados que seu fim poderia acontecer no meio de convulsões; isso, nós entendíamos muito bem, pois dois dos nossos preciosos filhinhos haviam morrido dessa forma. Somente uma mãe que já passou por tal experiência pode compreender plenamente o horror de enfrentar essa possibilidade outra vez, a qualquer momento.

Certa noite, eu estava vigiando ao lado de Gracie, junto com uma amiga, quando, de repente, a criança disse com muita determinação: "Chame o papai; quero ver o papai!".

Hesitei em chamar seu pai, pois era a sua vez de descansar; tentei distraí-la com uma desculpa, porém ela repetiu seu pedido outra vez. Finalmente, chamei meu marido e pedi que ele ficasse um pouco com ela, até que eu voltasse.

Fui para um outro quarto e clamei em agonia ao Senhor para que não permitisse que Gracie sofresse. Se era realmente a vontade de Deus levá-la embora, então que fosse sem sofrimento. Enquanto eu orava, uma maravilhosa paz veio sobre mim, e a promessa veio à minha mente tão claramente como se alguém a tivesse lido em voz alta: "*Antes que clamem, eu responderei; estando eles ainda falando, eu os ouvirei"* (Is 65.24).

Ao me levantar da oração, minha amiga me encontrou na porta e disse: "Gracie está com Jesus". Enquanto eu estava de joelhos, nossa amada filha, depois de repousar alguns instantes nos braços de seu pai, olhou direto no rosto dele com um de seus mais lindos sorrisos e, em seguida, fechou seus olhos e parou de respirar. Sem agitação, sem dor, simplesmente "adormeceu".
"Como um pai se compadece de seus filhos, assim o Senhor se compadece…" (Sl 103.13).

http://www.oarautodasuavinda.com.br/como-sei-que-deus-responde-a-oracao-parte-iii

Rebelião Boxer
Nota histórica: *Os fatos que serão narrados neste e no próximo capítulo dessa história ocorreram durante um período muito trágico na China, de 1898 a 1901. Em reação ao domínio de várias potências ocidentais sobre o comércio e até sobre a soberania da China, uma espécie de sociedade secreta, chamada I Ho Ch'uan ("punhos justos" em chinês, ou Boxers, em inglês), começou a crescer rapidamente. Com apoio implícito da imperatriz da China, atacavam estrangeiros, missionários e cristãos chineses, especialmente católicos, por acharem que estes eram partidários dos estrangeiros. Chegaram a ocupar a capital, Pequim, e a sitiar o setor das embaixadas. Milhares de pessoas foram mortas em várias regiões da China, incluindo aproximadamente 200 missionários com suas famílias, a maioria ingleses. O levante foi finalmente suprimido através da invasão de forças militares do Ocidente.*

Uma Promessa
Quando penso, em retrospectiva, nesse período negro da nossa experiência na China, sempre me recordo de um evento que ocorreu cinco anos antes, em 1895. Eu estava com meus quatro filhos no Canadá, preparando-me para viajar de volta para a China, onde meu marido havia ficado. Poucos dias antes da viagem, um telegrama chegou com a notícia do violento assassinato de dez missionários em Fukien, uma província no sudeste da China, entre os quais alguns conhecidos, o casal irlandês Stewart e seus dois filhos pequenos. Foi uma notícia chocante, que gerou grande ansiedade em geral pelos missionários na China. Muitos amigos e parentes insistiram comigo para adiar minha volta, mas achei melhor manter meu plano original, e logo estávamos nos despedindo de todos na estação ferroviária em Toronto.
Quando o trem estava começando a partir, uma senhora chegou perto da minha janela e me disse: "Você não me conhece, mas eu orei para que o Senhor me desse uma promessa para você; aqui está, receba da parte dele". Com isso, entregou-me um pedaço de papel. Ao abri-lo, li o seguinte: *"Nenhuma arma forjada contra você prevalecerá"* (Is 54.17, NVI).
Ali mesmo, elevei meu coração a Deus em oração para que ele cumprisse essa promessa na minha vida e naquelas que me eram preciosas. Imediatamente, recebi a clara convicção de que o Senhor me havia ouvido.

Nuvens Escuras
Jamais poderemos nos esquecer do inverno de 1899 a 1900. As nuvens escuras já estavam se formando e em várias ocasiões a nossa missão corria sério perigo. O ânimo do povo estava extremamente acirrado – percebia-se que qualquer acontecimento, por mínimo que fosse, teria o efeito de uma faísca num barril de pólvora. Numa ocasião, milhares de pessoas se ajuntaram dentro e fora da missão, claramente prontas para praticar algum mal. Meu marido e os outros missionários entravam e saíam dessa densa

multidão durante o dia inteiro, enquanto nós mulheres ficamos trancadas dentro de casa, sem saber em que momento a turba haveria de perder controle e destruir a todos nós. O que a impediu aquele dia de fazer o mal planejado? Somente a oração confiante. O Senhor ouviu nossas orações e refreou maravilhosamente a violência daquele povo.
Desde o outono de 1899, estava ficando claro que as condições para os estrangeiros na China estavam ficando muito desfavoráveis. Mesmo assim, nunca imaginávamos o tamanho da crise que viria nem estávamos preparados quando ela chegou, por volta de junho de 1900. A primeira indicação mais séria foi quando impediram a passagem dos mensageiros que levavam e traziam correspondências para nós, da cidade de Tientsin. Ficamos isolados, dessa forma, do mundo exterior e tivemos de depender unicamente dos rumores loucos que corriam entre os chineses para obter informação.
A região ficava mais perturbada a cada dia; ouvíamos o rufar dos tambores e o clamor do povo por chuva. A escuridão e o horror desse período deixaram uma marca inesquecível. Além de tudo, nessa mesma época nossa filha mais velha, Florence, ficou muito doente e passou uma semana de intenso sofrimento, antes de finalmente nos deixar para estar com o Senhor.

A Decisão de Fugir

Enquanto a Florence estava em seus últimos dias, recebemos o primeiro comunicado do consulado norte-americano em Chefoo, avisando-nos do perigo de permanecermos mais tempo ali. Logo depois, recebemos um segundo comunicado, mais urgente ainda.
A pergunta era: por onde poderíamos escapar? Estávamos no centro-norte do país, a uma longa distância do litoral em qualquer direção. A rota pelo rio, para o leste, levava normalmente duas semanas para chegar à cidade litorânea de Tientsin, mas o caminho estava totalmente bloqueado porque passava por regiões controladas pelos Boxers. A própria cidade de Tientsin estava num estado de sítio. O único caminho aberto seria pelas estradas em direção ao sul, viajando de carroças puxadas por cavalos. Seriam quatorze dias até Fancheng, depois mais dez dias pelo menos de barco até Hankow, e dali para Xangai.
Era verão e a viagem apresentava muitos perigos, especialmente para as crianças em virtude do grande calor que fazia durante o dia. Tínhamos nossos quatro filhos remanescentes: Paul com nove anos, Helen com seis, Ruth com menos de três e o bebê Wallace com oito meses. Desejávamos muito permanecer na missão, mas os cristãos chineses também insistiram conosco para fugir, pois para eles, também, nossa presença trazia perigo.
Tivemos muitas dificuldades para conseguir as carroças e todas as outras necessidades para a viagem, mas o Senhor foi providenciando tudo, item por item. Houve muitas intervenções divinas desde o princípio, mostrando que o propósito de Deus era de nos preservar, algumas das quais só viemos descobrir mais tarde. Um dia antes da nossa partida, por exemplo, um mensageiro passou por nossa cidade, a toda pressa, em direção à capital da província. Sem saber do teor da sua missão, resolvemos de última hora mudar nossa rota que passaria por essa capital e seguir uma outra, consideravelmente mais longa. Ficamos sabendo que esse mensageiro estava levando uma ordem assinada pela imperatriz para matar todos os estrangeiros. Se tivéssemos seguido nosso roteiro original, certamente teríamos sido mortos.

Livramento do Pavor

Deixamos nossa cidade de Chang Te, em 28 de junho de 1900. Nosso grupo era composto de cinco homens, seis mulheres e cinco crianças, além dos ajudantes e carroceiros. Nossa fiel babá chinesa, embora muito angustiada por ter de deixar sua mãe

de quase oitenta anos, nos acompanhou também.
Na primeira cidade onde paramos para pernoitar, houve uma tentativa de arrombar nossa pensão, mas ao orarmos, a turba se dispersou e ficamos em paz. Os longos dias, de dez a doze horas, sentados nos duros assoalhos das carroças sem molas, chacoalhando nas estradas irregulares, faziam com que até uma colcha estendida no chão parecesse uma cama de luxo.
Uma vez, quando Jonathan, meu marido, saltou da carroça para buscar água para esfriar nossas cabeças expostas ao sol, um grupo o cercou de forma ameaçadora, repetindo o grito: “Mate, mate”. As outras carroças estavam mais à frente e o carroceiro da nossa não o quis esperar; ele estava até pálido de medo. Como orei naqueles instantes, antes dos homens abrirem caminho, permitindo que ele voltasse!
Alguns dias passaram sem incidentes. No dia 7 de julho, à tarde, paramos numa pensão. Soubemos que a região à nossa frente estava num estado de ebulição contra os católicos. Uma multidão ajuntou-se do lado de fora da pensão. Deixamos uma barricada de carroças para impedir sua entrada. Durante horas, jogavam pedras contra o portão e exigiam nosso dinheiro. Enviamos um mensageiro para buscar ajuda do oficial de uma cidade próxima e passamos a noite em suspense e tensão.
No dia seguinte, de manhã, o mensageiro voltou sem ter conseguido qualquer auxílio. Quando os carroceiros ouviram que não teríamos apoio, ficaram apavorados e foi com muita dificuldade que os persuadimos a arrear seus animais. A turba, do lado de fora, estava cada vez mais densa, como podíamos observar pelas frestas no portão; pairava sobre ela, porém, um silêncio ominoso. Ninguém queria colocar em palavras o que todos sentiam: que provavelmente sairíamos dali para nossa morte.
De repente, fui tomada por um pavor esmagador. Não era temor do que viria *depois* da morte, mas da provável tortura e sofrimento a que seríamos submetidos. Pensei: “Onde está a coragem cristã que tenho buscado?” Fui à parte para orar sozinha, mas não recebi qualquer alívio.
Logo, alguém nos chamou para orarmos antes de subir nas carroças. Quase sem conseguir andar, de tão trêmula, e ansiosa para que ninguém me visse nesse estado de pânico, finalmente alcancei um banco perto de Jonathan. Assim que cheguei, ele retirou um livrinho de promessas bíblicas do bolso e leu a primeira seqüência de textos que encontrou. Era a seguinte:
“O Deus eterno é a tua habitação, e por baixo de ti estende os braços eternos: ele expulsou o inimigo de diante de ti, e disse: Destrói-o” (Dt 33.27).
“O Deus de Jacó é o nosso refúgio” (Sl 46.7).
“Tu és o meu amparo e o meu libertador; não te detenhas, ó Deus meu” (Sl 40.17).
“Eu te fortaleço, e te ajudo, e te sustento com a minha destra fiel… Eu, o Senhor teu Deus, te tomo pela tua mão direita, e te digo: Não temas, que eu te ajudo” (Is 41.10,13).
“Se Deus é por nós, quem será contra nós?” (Rm 8.31).
“Assim, afirmemos confiantemente: O Senhor é o meu auxílio, não temerei; que me poderá fazer o homem?” (Hb 13.6).
O efeito dessas palavras naquele momento foi tremendo. Todos perceberam que Deus estava falando conosco. Nunca houve uma mensagem enviada mais diretamente ao homem mortal por seu Deus do que essa que veio para nós. Desde praticamente o primeiro versículo, toda minha alma foi inundada com grande paz; todo traço de pânico desapareceu e senti a verdadeira presença de Deus conosco. Na verdade, sua presença era tão real que dificilmente teria sido mais real, mesmo que estivéssemos vendo uma forma visível.

Livramento do Perigo

Depois da oração, todos subimos nas carroças, e estas saíram uma por uma para a rua densamente abarrotada de gente. Até onde nossos olhos podiam ver, a rua à nossa frente estava escura, cheia de gente à nossa espera. Ao passarmos pelos portões da cidade, comentei com Jonathan que estávamos conseguindo passar pelas multidões sem muito problema. Ele, porém, ficou pálido ao apontar para um grupo de algumas centenas de homens, totalmente armados, que nos aguardava. Eles esperaram até que todas as carroças passassem pelo portão e depois começaram a jogar sobre nós uma chuva de pedras. Ao mesmo tempo, correram para aleijar e matar alguns dos cavalos.

Jonathan pulou da carroça e disse a eles: "Podem pegar qualquer coisa, mas não matem". A única resposta que lhe deram foi um golpe. Um outro homem bateu-lhe no pescoço com uma grande espada. Providencialmente, o golpe o atingiu com o lado cego da arma, deixando uma marca larga no pescoço, mas nada além disso. Se tivesse o acertado com o lado cortante, certamente o teria degolado! Depois seu capacete foi cortado em pedaços, um dos golpes cortando o forro de couro em cima da testa, mas sem arranhar a pele.

Em seguida, foi derrubado no chão com um terrível corte de espada, que penetrou no osso do crânio, por trás. Ao cair, ele ouviu distintamente uma voz que dizia: "Não temas, há pessoas orando por você". Tentando levantar-se, alguém o acertou com um bastão. Enquanto caía novamente, quase inconsciente, ele viu um cavalo vindo com toda velocidade em sua direção. Depois de recuperar a consciência, descobriu que o cavalo havia tropeçado e caído, sem qualquer motivo, e com seus coices violentos afastara de Jonathan os atacantes. Estes passaram a saquear as carroças.

Enquanto isso, outros homens haviam subido na carroça onde eu estava com as crianças. Um tentou acertar o bebê, mas eu o protegi com um travesseiro. Logo, deram sua atenção ao saque dos nossos pertences. Arrancaram as caixas das carroças e levaram tudo embora.

Nessas alturas, eu achava que Jonathan estava morto, pois o vira cair duas vezes para o chão, coberto de sangue. Porém, de repente, ele apareceu ao lado da carroça, quase sem forças para ficar em pé, e me disse: "Desça depressa, precisamos sair daqui". Desci com as crianças, mesmo sem saber onde Ruth estava, e começamos a andar. Quando alguns continuaram jogando pedras sobre nós, implorei que tivessem misericórdia dos meus filhos. Com isso, pararam e voltaram para as carroças.

Fomos andando para uma pequena vila que não estava muito distante, orando para que o Senhor abrisse o coração do povo para nos receber. Quando chegamos perto, alguns homens saíram para nos impedir de entrar na vila. Jonathan caiu no chão, sem forças para andar mais. Ajoelhei-me ao lado dele, enquanto as crianças choravam angustiadas. Parecia que Jonathan estava morrendo. As mulheres da vila que estavam olhando começaram a chorar também.

Com isso, os homens mudaram de atitude e nos disseram: "Podem vir, vamos salvar vocês". Um foi buscar ataduras e panos para estancar o sangue nas feridas de Jonathan. Usamos retalhos tirados das minhas roupas e das roupas das crianças. Ajudaram-nos a chegar numa casinha onde havia uma cama de palha, e nos providenciaram água quente para banho, alimentação e água potável. Falamos sobre nossa filha Ruth, que estava extraviada, e mandaram alguém procurá-la.

Na providência de Deus, nossos passos haviam sido dirigidos para uma vila muçulmana, da qual ninguém havia participado dos ataques. Mais uma vez, o Senhor nos protegera da morte e respondera nossas orações!

http://www.oarautodasuavinda.com.br/como-sei-que-deus-responde-a-oracao-parte-iv

Rebelião Boxer

Nota histórica: *Os fatos do último capítulo e deste capítulo atual ocorreram durante um período muito trágico na China, de 1898 a 1901. Em reação ao domínio de várias potências ocidentais sobre o comércio e até sobre a soberania da China, uma espécie de sociedade secreta, chamada I Ho Ch'uan ("punhos justos" em chinês, ou Boxers, em inglês), começou a crescer rapidamente. Com apoio implícito da imperatriz da China, atacavam estrangeiros, missionários e cristãos chineses, especialmente católicos, por acharem que estes eram partidários dos estrangeiros. Chegaram a ocupar a capital, Pequim, e a sitiar o setor das embaixadas. Milhares de pessoas foram mortas em várias regiões da China, incluindo aproximadamente 200 missionários com suas famílias, a maioria ingleses. O levante foi finalmente suprimido através da invasão de forças militares do Ocidente.*

Recuperação Milagrosa

Estávamos numa vila muçulmana, onde providencialmente havíamos encontrado refúgio depois dos ataques que, por pouco, tiraram a vida do meu marido, Jonathan. Durante todo aquele dia, ele ficou deitado, imóvel, tão pálido que parecia nem estar mais com vida. Temendo o pior, acho que não cessei um instante de clamar a Deus no meu espírito por ele.

Por volta das quatro horas da tarde, um dos integrantes do nosso grupo apareceu, procurando por nós. Jonathan levantou-se como se estivesse perfeitamente normal, insistindo em andar sem auxílio para a carroça. Para mim, que o havia acompanhado e visto seu estado anterior, só podia ser um milagre. Quando protestei que ele não estava tão bem, sua única resposta foi: "Somente ore; o Senhor me dará forças enquanto ele quiser que eu continue trabalhando".

Enquanto estávamos saindo, os bondosos amigos da vila vieram e insistiram que eu levasse algumas roupas usadas para cobrir as crianças, que estavam quase nuas, dizendo: "Vai fazer frio à noite".

Ao encontrarmos os outros membros do grupo, cada um contou como conseguira escapar. O médico era o único, além do meu marido, que tinha ferimentos mais graves; estava com uma rótula separada e os tendões do pulso direito cortados seriamente, além de várias outras feridas.

Durante aquele dia, enquanto estávamos na vila muçulmana, nossos companheiros tinham ficado à beira da estrada, sem poder continuar a viagem por causa da condição do médico que não conseguia andar. Todos estavam unidos em uma petição a Deus: que ele trouxesse de volta os carroceiros. Quem conhecia a China daquela época e os carroceiros pagãos sabia que só um milagre os traria de volta, depois de tudo que haviam passado conosco. Pois o milagre aconteceu: cinco carroceiros voltaram, o suficiente agora que toda nossa bagagem e nossos bens haviam sido levados embora.

Descobrimos que nossa fiel babá chinesa havia tomado conta da pequenina Ruth (menos de três anos), arriscando sua própria vida. Tivera de deitar em cima dela, tomando muitos golpes cruéis, até que a ganância de saquear os bens nas carroças afastasse os agressores.

O Deus dos Livramentos

Depois que nos reintegramos no grupo e os carroceiros voltaram, prosseguimos nossa viagem. Perto das seis horas da tarde, chegamos a uma cidade maior, Nang Yang Fu. As muralhas da cidade estavam escuras, abarrotadas de gente, e, ao entrarmos pelos

portões, as turbas violentas se empurravam contra as carroças. Às vezes, os cavalos tropeçavam e parecia que nada poderia impedir as carroças de tombarem. A cada um ou dois minutos, um tijolo ou uma pedra era arremessada contra as carroças. O brado da turba: “Mate! Mate!”, gritado por centenas de vozes, nunca mais seria apagado de nossas memórias. Contudo, o Senhor nos fez passar e “nenhuma arma prevaleceu” contra nós.

Ao chegarmos à pensão, uma turba indomável com mais de mil homens encheu o pátio. Assim que descemos da carroça, eles literalmente nos tocaram à sua frente para uma sala da pensão, que dentro de instantes ficou apinhada a ponto de quase sufocarmos. Por quase uma hora, a turba continuou a nos espremer em um canto; depois os que estavam de fora ficaram impacientes e exigiram que fôssemos levados para lá. Conseguimos preservar algumas senhoras, mas os demais – homens, mulheres e crianças – tiveram de ficar diante dessa multidão em ebulição, até que o alívio chegasse no meio da escuridão da noite.

Por que não nos mataram? Por que, mesmo? Somente um Deus Todo-Poderoso poderia ter segurado uma turba como aquela.

O que acontecera foi o seguinte. Assim que entramos na cidade, havíamos despachado um servo ao oficial da cidade, exigindo proteção. Enquanto aguardava uma resposta, ele ouviu uma conversa de dois soldados e descobriu que estavam armando um plano para que fôssemos mortos na estrada e não dentro da cidade, o que poderia causar problemas futuros para o oficial. Se fosse na estrada, ninguém saberia quem nos tinha matado e ninguém seria responsabilizado. O plano era mandar alguns soldados para guiar-nos a uma emboscada. O servo estava tão convicto que seríamos mortos que se recusou a ficar conosco e voltou para sua cidade.

Depois de consultarmos entre nós sobre o que devíamos fazer, resolvemos seguir nosso caminho, confiando que Deus nos daria uma saída. Tivemos outro problema com os carroceiros que não queriam continuar nos levando, mas depois que oramos, finalmente concordaram e, às duas horas da manhã, estávamos prontos para partir.

A noite estava muito escura e fomos acompanhados pelos soldados do oficial, que tinham o encargo de nos guiar ao lugar onde outros soldados nos esperavam para nos matarem. Na saída da cidade, víamos algumas luzes que pareciam ser sinais e que provavelmente eram mensagens entre os dois grupos de soldados.

Assim que saímos da cidade, alguém avisou Jonathan que nosso filho Paul e um outro homem tinham desaparecido. Paramos as carroças e fizemos uma busca, mas não foram encontrados. Esperamos ali por algum tempo e, novamente, minha fé parecia fraquejar. Na minha agonia, eu só conseguia clamar: “Se Paul não for encontrado, como posso voltar a confiar em Deus?” Mas, depois, lembrei de como Deus milagrosamente havia me devolvido meu querido marido e pude confiar Paul em suas mãos e esperar nele.

Quando não dava mais para procurar as pessoas perdidas, deixamos uma carroça para trás com um servo de confiança, e seguimos viagem. Foi ali que Deus operou nosso livramento. Durante essa espera, os soldados que nos “guiavam” adormeceram nas carroças e não perceberam que os carroceiros estavam seguindo por uma outra estrada vicinal. Quando se deram conta, já estávamos a uma boa distância da cidade e fora do alcance dos que pretendiam nos assassinar! Os soldados ficaram furiosos, mas depois de nos ameaçarem, acabaram nos deixando e voltando para a cidade. Novamente, nosso Deus fora para nós um Deus de livramentos.

Vez após vez, naquele dia, fomos cercados por turbas violentas. Várias vezes, mostrei as roupas sujas e surradas que os muçulmanos nos haviam doado, e ao contar como as recebemos, o povo parecia se acalmar mais do que com qualquer outra coisa. Uma vez, começaram a gritar para arrastar a babá do nosso filho para fora da carroça, mas

clamamos a Deus por ela, e o povo nos deixou em paz.
Estávamos nessas alturas em condições lamentáveis. Os homens tinham curativos nos braços ou na cabeça e o médico não podia sequer levantar a cabeça. O que sofremos naquelas carroças, em cima das tábuas duras, não dá para descrever. Nove pessoas estavam espremidas na nossa carroça, num espaço que em circunstâncias normais só caberiam quatro ou cinco.

O Filho Perdido
Ao meio-dia, chegamos a uma outra cidade grande, e paramos para dar alimento e descanso aos animais. Novamente, vimos evidência da bondade do Senhor para conosco.
Estávamos descendo das carroças e a multidão estava com aspecto muito ameaçador. Parecia que essa seria, finalmente, a nossa hora. De repente, nesse momento crítico, apareceram dois homens da classe de oficiais, e cumprimentaram meu marido com muita surpresa. Nós os havíamos hospedado em nossa casa em Chang Te Ho, algum tempo antes. Depois de algumas palavras de explicação, viraram para a multidão e informaram-lhes a respeito do nosso trabalho e de quem éramos. A atitude do povo mudou imediatamente e abriram caminho para nós, dando-nos alojamentos e alimentação da qual estávamos em grande necessidade.
Alguns do nosso grupo já estavam demonstrando solidariedade conosco pela perda de Paul, mas eu estava esperando ainda para ver o que Deus faria. Jonathan contou aos dois oficiais que nos ajudaram a respeito do desaparecimento dele e do outro homem, e ficaram muito preocupados. Prometeram enviar logo alguém para procurá-los. Deram-nos cartas também para a cidade onde havíamos de passar a noite e um homem do distrito para nos guiar e ajudar.
Perto das quatro horas da tarde, um mensageiro nos alcançou com as boas novas que Paul e nosso amigo foram encontrados em segurança e que chegariam ao lugar em que nós estávamos naquela noite. Ao ouvir essa notícia, senti com muita força a minha incredulidade e falta de confiança na hora da provação, o que me deixou arrasada. Eu só podia curvar minha cabeça e chorar. Que bondade e misericórdia do nosso Deus! Nunca o amor de Deus pareceu mais maravilhoso do que naquele momento.
Chegamos ao nosso destino por volta das nove horas da noite, depois de viajar em condições desconfortáveis por dezessete horas, com apenas uma breve parada no meio do dia. Jonathan foi imediatamente para a residência do oficial com a carta dos nossos amigos. Pelo caminho, a turba quase conseguiu pisoteá-lo mais de uma vez, mas Deus o protegeu e ele conseguiu entregar a carta ao destinatário. O oficial o recebeu bem, prometeu-nos proteção e o enviou de volta à pensão com uma escolta.
Eu estava tão cansada que não conseguiram me acordar quando Paul e o outro homem chegaram durante a noite. Quando acordei de madrugada, nosso grupo inteiro estava dormindo no chão batido, quase sem roupa de cama nem colchões.
Com mais vinte horas de viagem no dia seguinte, chegamos a Fan Cheng, de onde viajamos de barco para Hankow e de lá para Xangai. Ficamos sabendo, com muita tristeza, da morte de muitos queridos amigos pelas mãos dos Boxers.

Provisões Sobrenaturais
Ao chegar em Xangai, tínhamos pouco tempo antes do embarque do próximo navio para o Canadá. Apesar de recebermos dinheiro da missão para a viagem e nossas necessidades imediatas, o problema era conseguir roupas para toda a família, já que não havia alfaiates disponíveis e só existiam roupas feitas para Jonathan e Paul.
Enquanto eu suplicava a Deus para suprir todas as nossas necessidades, duas senhoras

estavam à porta, perguntando por mim. Eram cristãs e tinham visto nossos nomes na lista dos refugiados. Deus as tocou para virem oferecer seu auxílio. Trabalharam noite e dia naqueles últimos dias antes da nossa partida.
Mesmo assim, não foi possível fazer roupas para o nosso bebê, Wallace. Aqui também Deus atendeu nossas orações de forma maravilhosa. Eu havia levado alguns tecidos para tentar costurar algo para ele no navio. Durante os primeiros dias, trabalhei desde cedo até à noite, tentando fazer umas roupinhas, mas minhas forças estavam chegando ao fim. Minha agulha não funcionava mais, nem conseguia mais enxergar o lugar para colocá-la. Guardei os materiais e fui para a cabina. Ajoelhando-me ali, coloquei o meu trabalho diante do Senhor. Sem forças, mesmo para orar, só consegui contar para o Senhor que meu filhinho não tinha roupas. Depois guardei tudo e deitei-me, quase desmaiando de esgotamento. Pouco tempo depois, talvez menos de uma hora, alguém veio e me disse: "Estamos na baía de Yokohama, no Japão, e chegou um grande embrulho para você".
"Para mim!", exclamei. "Não pode ser, não conheço ninguém no Japão." Mas depois pensei: "Só pode ser a resposta da minha oração".
Era, de fato. Uma outra missionária, que perdera seu filhinho com a mesma idade de Wallace uns quatro meses antes, sentiu fortemente tocada pelo Senhor de enviar todo o seu enxoval para mim! Naquele pacote, encontrei tudo que precisaria para Wallace durante um ano ou mais. Nem que tivesse feito uma lista, não teria sido tão completa. Deus realmente responde às orações!
Três dias depois tive um colapso de esgotamento físico, mas graças ao nosso Deus, ele esteve comigo durante minhas trevas e me fez sair do outro lado.

Caminhos Misteriosos de Deus

Muitas vezes, na nossa pátria, pediram que contássemos a história do nosso livramento durante a rebelião dos Boxers. A pergunta que surgia era: "Se vocês foram salvos pelo poder de Deus, por que ele não salvou também tantos outros que foram cruelmente assassinados?"
Essa pergunta me incomodou por muito tempo. Depois, vi nos relatos de Atos 12 como Tiago foi morto pela espada e Pedro foi liberto em resposta à oração. Estou convencida que muita coisa se deve à oração. Ficamos sabendo que nossa igreja no Canadá foi avisada por telegrama assim que iniciamos aquela viagem perigosa. Uma grande mobilização de oração aconteceu, unindo cristãos de todas as denominações. A Conferência Presbiteriana do Canadá dedicou uma reunião inteira à oração em favor dos missionários na China. Nunca antes houve um tempo de intercessão tão intensa e unida. Ao darmos nosso testemunho em vários lugares, muitas pessoas nos contaram como não cessaram de clamar a Deus por nosso livramento durante aqueles longos dias da nossa viagem para fora da China.
Apesar desse papel claro da oração no nosso livramento, sabemos que Deus é glorificado e que seus propósitos são cumpridos na morte de alguns e no livramento de outros. O sangue dos mártires ainda é a semente da Igreja.

http://www.oarautodasuavinda.com.br/como-sei-que-deus-responde-a-oracao-parte-v

Aprendendo Rendição Total ao Senhor

Um dos resultados do nosso gracioso e misericordioso livramento dos Boxers foi um desejo intensificado de fazer com que nossas vidas fossem mais úteis no serviço do Senhor – que pudéssemos nos gastar inteiramente em favor daquele que nos poupou. Nosso Pai celestial viu esse desejo e o aceitou, guiando-nos seguramente no caminho para a total rendição, num nível que eu nunca antes conhecera.

É indiscutivelmente verdadeira a afirmação de que “Deus jamais fica devendo para ninguém”. Quando pede e recebe nosso tudo, ele, por sua vez, concede algo que não tem preço: sua própria presença. O preço da nossa entrega não é grande quando comparado com o que recebemos de volta. É nossa cegueira e indisposição de ceder que dão a impressão de ser um preço elevado.
Muitas pessoas já me pediram para contar esta história que relato a seguir. Convicta de que possa conter lições valiosas para outros, concordei, embora para isso tenha que tirar o véu de uma parte muito sagrada e privativa da minha vida.
Após a experiência com os Boxers, meu marido, Jonathan, voltou para a China em 1901. Eu segui somente no verão de 1902, com os nossos filhos, deixando os dois mais velhos em escolas em Chefoo, a caminho para nossa província de Honan. Jonathan me encontrou em Tientsin, de onde viajamos de barco no rio durante vinte e quatro dias, até chegar ao nosso destino. Durante essa viagem, nos longos e calmos dias no barco, ele expôs para mim um plano cuidadosamente detalhado sobre o futuro do nosso trabalho missionário.
Jonathan explicou que seis missionários, vindos de um posto missionário destruído pelos Boxers, estavam agora radicados permanentemente em Changte, na missão que nós havíamos iniciado vários anos antes. Assim sendo, não havia mais necessidade de nós nesse lugar. Ele sentia que o tempo chegara em que devíamos nos dedicar à evangelização das grandes regiões ao norte e nordeste de Changte, regiões até então quase sem contato com o Evangelho, por falta de obreiros. Seu plano era que nós, marido e mulher, com nossos filhos, fôssemos morar e trabalhar no meio do povo. Para isso, seria necessário alugar locais temporários no centro das vilas e aldeias, nos quais ficaríamos durante um mês numa primeira visita, para iniciar o trabalho. Depois deixaríamos um evangelista para continuar a obra enquanto seguiríamos para outro local. Além de iniciar trabalhos novos, voltaríamos para visitar os lugares por onde passamos, com a maior frequência possível.
O que essa proposta significou para mim dificilmente poderá ser compreendido por quem não conhece a China e as condições de vida dessa época. Varíola, difteria, escarlatina e outras doenças contagiosas eram epidemias crônicas; e não havia absolutamente quaisquer condições sanitárias fora das regiões governadas por estrangeiros.
Quatro dos nossos filhos já haviam morrido. Para levar os três pequeninos que estavam comigo e expô-los a tais condições e perigos parecia-me literalmente como se fosse com eles para o precipício e saltasse no escuro, esperando ser guardado de todo perigo. Porém, por outro lado, eu tinha suficiente conhecimento do idioma e experiência para fazer o trabalho, a necessidade era realmente imensa e não havia nenhuma outra missionária ou cristã nativa para tomar o meu lugar. Lá no meu íntimo eu sabia que o chamado era de Deus, mas não tinha disposição de pagar o preço. Meu único argumento para não entrar nessa vida era o grande risco que representaria para as crianças.
Vez após vez, Jonathan me exortava dizendo que o “lugar mais seguro para você e para os nossos filhos é o caminho da obediência”, que eu não conseguiria guardá-los em segurança no conforto do nosso lar em Changte, mas que “Deus pode guardá-los em qualquer lugar”. Ainda assim, eu me recusava. Logo antes de chegar ao nosso posto missionário, ele me suplicou a reconsiderar minha decisão. Quando dei a resposta negativa final, suas únicas palavras foram: “Temo pelas crianças”.
No primeiro dia, depois que chegamos em casa, nosso queridinho Wallace adoeceu. Durante semanas, lutamos para preservar sua vida. Finalmente, a crise passou e ele começou a recuperar-se. Logo meu marido saiu em sua primeira viagem, sozinho!
Apenas um ou dois dias depois da sua partida, nosso precioso bebê, Constance, com um

ano de idade, apresentou a mesma doença que Wallace tivera. Desde o princípio, parecia haver pouca ou nenhuma esperança. Os médicos, uma enfermeira e todo o grupo missionário se uniram na luta para salvar sua vida. Foi enviada uma mensagem para chamar o pai dela, mas quando ele chegou a criança já estava perdendo consciência. Algumas horas depois, enquanto estávamos ajoelhados em volta da sua cama, esperando pelo fim, meus olhos de repente foram abertos para enxergar o que eu estava fazendo: *eu havia ousado lutar contra o Deus Todo-Poderoso!*

Nos momentos que se seguiram, Deus se revelou a mim com tamanho amor, majestade e glória que pude me entregar a ele com alegria indizível. Só então foi que percebi que cometera um erro terrível e que eu podia de fato confiar meus filhos aos cuidados de Deus, não importava em que lugar estivéssemos. Uma só coisa parecia clara: que agora eu devia seguir ao Senhor para onde quer que me levasse. Vi finalmente que Deus precisa estar mesmo em primeiro lugar. Antes do precioso corpinho ser colocado no seu lugar, já estávamos nos preparando para nossa primeira viagem.

Deus foi fiel à visão que me deu? Ou ele permitiu que as crianças sofressem nos anos que se seguiram, nos quais passávamos vários meses por ano no meio do povo? Ao escrever estas linhas, dezoito anos já se passaram após aquela primeira viagem e posso dizer que nenhum outro filho nosso faleceu. Nunca fomos tão livres de enfermidades quanto nessa vida que iniciamos, viajando e vivendo entre o povo chinês. Nunca tivemos tanta evidência do favor e da bênção de Deus em inúmeras maneiras.

Sem uma exceção, em cada lugar em que permanecemos um mês, ficou um grupo de pessoas que, com o tempo, se transformava numa igreja.

Descobri, para minha surpresa, que pude dar mais tempo aos meus filhos, que pude protegê-los melhor nessas viagens, do que quando estava na missão de Changte. Na missão, por ser uma área bem extensa, muitas vezes as crianças ficavam longe das minhas vistas durante horas a fio. Já nos locais menores, em que vivíamos durante as viagens, elas estavam sempre perto do meu alcance e da minha visão. Mesmo quando grupos de mulheres estavam ouvindo o Evangelho, eu conseguia orientar os seus estudos. Quando olho em retrospectiva, meu coração se enche de imensa gratidão pela maravilhosa graça e força que Deus me deu para essa vida que nos chamou a viver.

Uma Companheira na Obra

Houve tantas respostas à oração, que jamais poderia lembrar ou contar todas. Uma das primeiras veio no dia depois que a nossa Constance faleceu e foi uma das que teve efeito maior e de mais longo alcance na nova vida e obra que estávamos iniciando. Quando pensava em enfrentar as multidões de mulheres pagãs todos os dias e no que estaria envolvido no trabalho de evangelismo entre elas, eu sentia que havia uma necessidade urgente acima de todas as outras: uma obreira nativa. Enquanto orei, pedindo direção, o Senhor trouxe à minha mente uma pessoa chamada Wang Hsieh-sheng.

Entretanto, quando lhe apresentei meu pedido para que me acompanhasse nas viagens, ela caiu em prantos, dizendo: “Não tenho coragem. Só me resta um filho e seria um risco muito grande para sua vida”.

Vendo como se sentia, não quis insistir, mas disse-lhe que fosse orar a respeito por um dia, e que depois me trouxesse a resposta após o sepultamento da minha filhinha, à noite. Quando ela voltou à noite, seu rosto brilhava entre as lágrimas ao me dizer: “Oh, minha mãe e pastora, eu irei. Se você está disposta a arriscar a vida dos seus filhos em favor das minhas irmãs, muito mais devo tomar semelhante risco!”

Durante todos os anos seguintes, a Sra. Wang foi minha amada companheira, dividindo todas as responsabilidades e dificuldades da vida que levamos, e também as alegrias.

Quanto mais tempo passava, mais percebi o quanto fora enviada por Deus para fazer essa obra. Mesmo depois que tive de me afastar da vida itinerante, ela ainda permaneceu, trabalhando em favor de suas irmãs na igreja de Changte.

O Cuidado de Deus pelas Crianças

Em muitas ocasiões, minha fé era severamente testada e receio que na maioria não tenha sido aprovada. Como Deus é paciente conosco na nossa fraqueza humana! *"Como um pai se compadece… assim o Senhor se compadece."* Os chineses me diziam muitas vezes: "Seus filhos parece que nasceram para essa vida". Mas era, sem dúvida alguma, a bondade de Deus. Ele sabia como era difícil a nossa vida e como teria sido quase impossível continuar com a obra se as crianças tivessem sido teimosas ou intratáveis. Vez após vez, tivemos que acordá-las antes do amanhecer para iniciar a viagem de carroça e não me recordo de uma única vez em que ao menos choraram. Simplesmente despertavam o suficiente para se vestirem e perguntar sonolentos: "Nós vamos sair de novo, mamãe?" Tão logo nos acomodávamos na carroça, adormeciam outra vez.
Certa ocasião, chegamos numa vila, mas o lugar em que iríamos ficar não era adequado para as crianças. Era simplesmente horrível. De cada lado da casa havia um chiqueiro, um chiqueiro chinês! Na frente da porta, havia de oito a dez grandes recipientes, cheios de substâncias em fermentação, guardadas ali durante todo o verão e que aumentavam ainda mais os variados e opressivos odores. Eu temia muito pelas crianças e queria ir embora imediatamente, mas meu marido parecia estar calmamente convicto do poder do Senhor de guardá-los de todo mal.
Na segunda noite, nosso filho mais novo ficou febril. Jonathan estava dirigindo uma reunião com os homens. Eu estava quase dominada de temor que nosso filho tivesse contraído difteria. Ajoelhando-me ao lado dele, clamei ao Senhor como somente uma mãe em tais circunstâncias sabe clamar. Finalmente, exausta, adormeci de joelhos. Acordei quando meu marido entrou no quarto, coloquei minha mão na cabeça da criança novamente e vi que a febre havia abaixado. No dia seguinte, ele já estava bem. Alguém pode duvidar quando digo que sei que Deus responde à oração?

Uma Receita Divina

Na cidade de Linchang, uma mulher veio com uma criança que estava com o pé severamente queimado. Além de estar com o pé muito inchado, a inflamação subia até uma parte da perna. A criança estava com febre e sua condição parecia ser muito grave. Aconteceu que nessa viagem eu havia esquecido de trazer os remédios básicos que tinha costume de ter comigo e, assim, falamos com a mãe que não podíamos fazer nada. Entretanto, ela suplicou com tanto sentimento que não pude deixá-la assim; levantando meu coração em oração, pedi ao Senhor para me guiar, se havia algo que eu pudesse fazer.
Enquanto eu orava, veio à minha mente a ideia de cataplasma (papa medicamentosa) de pão. Para mim, a ideia parecia praticamente absurda. Nunca ouvira falar de que alguém tenha usado tal substância para essa finalidade, mas resolvi obedecer. Duas vezes por dia, o pé era lavado e colocado na cataplasma, e foi algo espetacular ver como sarou depressa. Estivemos nesse lugar durante dez dias e, quando saímos, o pé estava quase totalmente curado. A mãe, o pai, a própria criança e toda a família se converteram. Algum tempo depois, ao passar por esse lugar, examinei o pé e não havia nem sinal de cicatriz no local.
Cheguei a comentar essa experiência com um médico, um bom tempo depois, e ele disse: "Bom, não houve milagre algum nisso! Foi simplesmente aplicar uma eficiente higienização e dar chances para a natureza fazer o restante!"

Respondi para ele: “Doutor, para mim o milagre não foi tanto na aplicação da cataplasma, mas em Deus me mostrar o que usar. Agora, vejo ainda mais o milagre, pois o senhor confirmou que era uma excelente estratégia para deixar o pé livre de sujeiras e protegido de infecções!”

Proteção Divina
Uma demonstração maravilhosa da providência soberana de Deus era a forma como ele nos protegeu, especialmente as crianças, de contrair doenças. Os chineses carregavam seus filhos nos braços por toda parte, mesmo quando tinham doenças contagiosas.
O seguinte exemplo mostra como seria impossível sabermos com antecedência que perigos havia ao nosso redor. Estávamos numa vila, pregando durante um dia. Eu havia levado minha pequena Mary, com três anos de idade. Uma mulher cristã, muito bondosa e atenciosa, cuidou de nós, trazendo água e alimento para Mary e para mim.
De tão ocupada que eu estava, pregando para as mulheres naquele lugar, nem pensei em perguntar por que o bebê dessa mulher, que ficava o tempo todo nos seus braços, estava com o rosto coberto. Foi só quando estávamos indo embora que o fato chamou minha atenção e perguntei o que era. Em seguida, ela descobriu o seu rosto e, para meu horror, vi que a criança tinha varíola. Durante semanas, observei constantemente a Mary para ver se havia qualquer sinal de febre, mas nada se manifestou.
Através de repetidas experiências semelhantes a essa, descobri que Jonathan estava com a razão quando me disse: “O lugar mais seguro para você e para os nossos filhos é no caminho da obediência”.
Quando me recordo desses anos de constantes andanças com nossos filhos, não tenho palavras para contar toda a bondade do Senhor para com eles e para comigo. Embora houvesse muitos lugares difíceis e enormes provações, eram tão-somente oportunidades para experimentar graça especial e auxílio sobrenatural. Muitas vezes, desanimada quase ao ponto de nunca mais querer sair com os filhos ao campo outra vez, chegava evidência de que o Senhor estava usando nossa vida em família, vivenciada no meio do povo, para ganhar muita gente a Cristo. Logo vinha nova coragem e estava pronta para partir para a próxima missão.
Verdadeiramente, vale a pena confiar plenamente nele, pois aqueles que confiam de todo o coração descobrem que jamais serão envergonhados.

http://www.oarautodasuavinda.com.br/como-sei-que-deus-responde-a-oracao-parte-vi

Durante Período de Licença no Canadá
Em 1908, tive que voltar ao Canadá com cinco dos nossos filhos, deixando meu marido na China com o trabalho missionário. Ao chegar a Toronto, meu filho mais velho estava às portas da morte por causa de repetidos ataques de febre reumática. Lembrei-me das ocasiões anteriores em que fora milagrosamente resgatado da morte, e minha fé foi fortalecida. Contudo, enquanto orava, ficou muito claro para mim que a resposta à minha petição dependia da entrega de mim mesma e da minha vontade ao Senhor.
Eu havia feito um propósito de não assumir compromissos de falar em igrejas ou conferências dessa vez, mas de me dedicar totalmente ao cuidado dos meus filhos.
Naquele momento, porém, confessei o pecado de planejar minha própria vida e fiz aliança com o Senhor de fazer qualquer coisa que ele me ordenasse, desde que meus filhos estivessem com saúde e com todas suas necessidades provisionadas.
Para que isso pudesse acontecer, havia várias condições aparentemente impossíveis, ou muito difíceis, de serem satisfeitas. A primeira era a cura do meu filho. Antes impossibilitado até de levantar sua cabeça da maca, logo estava tão bem que se recusou

a ficar de cama. Ao ser examinado pelo médico, não foi encontrado vestígio algum da enfermidade, e dentro de um mês estava frequentando normalmente a escola.
As outras condições foram todas cumpridas pelo Senhor: a provisão financeira, alguém para cuidar dos meus filhos nas minhas ausências, saúde para mim e para as crianças.
Aprendendo a confiar no Senhor para todas as nossas necessidades, até as mais corriqueiras ou insignificantes, entreguei-me à vontade de Deus e passei a aceitar convites das igrejas.
Durante aquele tempo, o Senhor providenciou frutas (maçãs) para as crianças, enviadas de forma milagrosa e gratuita, às vezes de lugares distantes, além de muitas outras provisões necessárias.

Saúde Só Para Falar por Deus
Um dos meus convites veio da sociedade de senhoras da Igreja Presbiteriana de Winnipeg, no Canadá. Durante a viagem de trem para lá, peguei uma gripe muito forte, que afetou minha garganta e pulmões. Fiquei muito preocupada, pois elas estavam pagando minha viagem e haviam organizado vários compromissos para falar. Antes de chegar ao meu destino, entreguei minha vida nas mãos do Senhor para que me concedesse força e capacidade para falar nas reuniões.
Nunca poderei me esquecer dos dias que se seguiram, pois a fraqueza no corpo, a febre e os problemas de garganta eram removidos somente enquanto estava dirigindo a palavra nas reuniões. Em cada caso, embora minha voz, antes e depois da ministração, fosse tão rouca que quase não podia ser ouvida, ficava normal durante meu compromisso.
Em uma das ocasiões, eu até havia pedido a um irmão, o Dr. Gordon, para ficar preparado para me substituir, caso eu não conseguisse falar. Logo antes de me passarem a palavra, subi na plataforma atrás dele, enquanto orava. Como clamei a Deus por ajuda e coragem! A igreja estava lotada, minha garganta estava fechada, como se estivesse num torno mecânico, e me sentia fraca e enferma.
Assim que Dr. Gordon me apresentou, fui para o púlpito com uma incrível sensação de calma e confiança absoluta. Parecia que podia até sentir alguém semelhante ao Filho do homem bem do meu lado. Nunca tive uma experiência mais completa de ser tão-somente um canal. Durante mais de uma hora falei de forma que todos pudessem ouvir sem dificuldades; no entanto, tão logo me sentei novamente, a garganta voltou a se fechar como antes. E assim continuou até o final dos meus compromissos naquele lugar.

Deus se Importa Até com Isso…
Um dia, alguns meses depois, verificando a situação das crianças, vi que havia tanta necessidade de costurar e fazer roupas novas, que fiquei abismada. Vi que seria totalmente impossível costurar e continuar assumindo compromissos. O dilema era se devia ou não cancelar as reuniões que já havia assumido. Meu marido me incentivou a comprar roupas feitas, mas sabendo o quanto isso custaria caro, não tive coragem.
Fui para um lugar sozinha e coloquei minha carga diante do Senhor, pedindo que confirmasse se devia ou não continuar falando a respeito da obra missionária na China, através de enviar fundos suficientes para comprar roupas para nossos filhos.
Poucos dias depois, eu estava testemunhando numa reunião na província de Ontário. No final da reunião, um senhor idoso colocou uma oferta em minhas mãos. Perguntei se ele queria destiná-la para alguma finalidade específica, e ele respondeu: “É para seus filhos. Use de algum modo que a libere para a obra de Deus”. Elevei meu coração em gratidão a Deus e aceitei a oferta como o sinal que havia pedido ao Senhor.

Um Tutor Para Nossa Filha
Quando estávamos nos preparando para voltar à China, um problema sério se levantou no meu caminho. Nosso filho mais velho já tinha idade para enfrentar a vida sozinho, mas não a nossa filha que tinha dezesseis anos. Era necessário encontrar um tutor responsável com quem pudéssemos deixá-la.
Entrei em contato com três pessoas diferentes que achei que sentiriam alguma responsabilidade em relação a uma filha de missionários, mas todas as três se eximiram.
Vi, então, que não deveria tentar abrir as portas por mim mesma, mas esperar no Senhor. Orei para que, se ele quisesse que eu voltasse para a China, enviasse-me uma pessoa para cuidar da minha filha.
Pouco tempo depois recebi a visita de uma senhora que havia dedicado sua vida ao treinamento de moças. Seu maravilhoso caráter cristão a qualificou como a melhor pessoa para cuidar da minha filha. Ela me contou que em sua juventude havia desejado dedicar sua vida para servir ao Senhor na China, mas o caminho se fechara. Agora sentia que o Senhor queria que se oferecesse para cuidar da nossa filha.
Vários anos se passaram desde então, e ela ultrapassou minhas mais altas expectativas.
Raramente uma resposta mais definitiva tem vindo do nosso Pai amoroso ou uma que trouxesse maior alívio e socorro. Essa oferta, chegando assim tão claramente como resposta às minhas orações, parecia ser prova inconfundível que o Senhor guardaria a filha que estávamos entregando aos seus cuidados.
Dependendo Dele como Pai
Quando faltavam poucos dias para nossa longa viagem para a China, Ruth, uma das crianças menores, estava brincando do lado de fora e voltou para casa com seu casaco de inverno todo rasgado. De alguma maneira, o casaco se prendera no arame farpado e ficou em frangalhos. Era o único casaco mais pesado que ela tinha, e eu não tinha condições de adquirir outro antes da viagem de navio. Nem consegui achar um que servisse nas lojas, pois já não era mais estação do frio. Levei a necessidade ao Senhor e a deixei com ele, crendo que, de algum modo, ele providenciaria.
Poucos dias depois, uma amiga me telefonou pedindo para ir ver um presente que sua mãe deixara para mim. Que alívio senti quando encontrei, entre outras coisas, um belo casacão vermelho, que serviu perfeitamente para Ruth!
Esta nova evidência do cuidado soberano do Senhor por cada uma das nossas necessidades me comoveu profundamente. Aqueles que nunca conheceram tais demonstrações do cuidado amoroso do nosso Senhor nos pequenos detalhes da vida dificilmente compreenderão a maravilhosa sensação que essas experiências nos trazem.
Dando Toda Glória Para Deus
Foi durante aquele tempo no Canadá que adquiri o hábito de receber de joelhos a direção para a mensagem que deveria dar numa determinada reunião. Fiquei muitas vezes maravilhada ao receber, como num lampejo, todo o esboço do que deveria falar sobre a China.
Como nunca tive costume de preparar anotações nem mesmo um esboço do que deveria falar, muitas vezes me encontrei em situações em que me senti totalmente sem recursos próprios. Posso testificar que Deus nunca deixou de me conceder o auxílio necessário e o poder divino para transmitir o que recebera. Ao mesmo tempo, como é lamentável ter de confessar que logo que terminava de entregar a mensagem, o pensamento soprado por Satanás chegava: "Como me saí bem hoje!"
Não é incrivelmente maravilhosa a bondade e a tolerância do Senhor – espantoso que ele se dignasse em conceder auxílio novamente quando o solicitamos?!
Com profunda gratidão e louvor ao nosso Deus sempre fiel, posso testificar que qualquer pequeno serviço que pude realizar foi feito somente pela sua graça e em

resposta à oração.

http://www.oarautodasuavinda.com.br/como-sei-que-deus-responde-a-oracao-parte-vii

Autoridade Sobre o Tempo
As férias de verão em Peitaiho estavam chegando ao fim. As fortes chuvas que haviam caído nos últimos dias fizeram com que as estradas para a estação de trem, distante quase dez quilômetros, ficassem praticamente intransitáveis. Nossos filhos, Ruth e Wallace, precisavam pegar o trem segunda-feira de manhã para alcançar o navio em Tientsin, que os levaria a Chefoo, onde ficavam as escolas da Missão Para o Interior da China (*China Inland Mission*), em que estavam matriculados. Durante todo o sábado e o domingo, chuvas torrenciais continuavam a cair, junto com um violento vento do norte. Levantei-me antes do amanhecer na segunda-feira e constatei que a chuva ainda estava muito forte. Acordei o empregado e pedi que fosse chamar transporte para a estação, por meio de carroças ou jumentos. Pouco depois, ele retornou dizendo que ninguém concordara em levar meus filhos, nem mesmo os garotos dos jumentos.
Eu estava desesperada, sem saber o que fazer. Fui para um lugar a sós e nem tomei o tempo de me ajoelhar: simplesmente, elevei meu coração ao Pai e pedi-lhe que parasse a chuva e abrisse um caminho para que as crianças chegassem à estação. Senti, de repente, forte confiança em que o Senhor nos auxiliaria e, voltando para onde o empregado estava, pedi que fosse novamente à vila buscar os jumentos. Ele não quis, dizendo que era inútil e que ninguém teria coragem; mesmo assim, insisti e disse-lhe: "Vá logo, sei que eles virão".
Enquanto ele foi, as crianças tomaram café, vestiram roupas adequadas para o tempo e arrumaram suas coisas. De repente, a chuva parou! Em seguida, o empregado voltou com alguns garotos e seus jumentos, e logo os dois estavam montados com sua bagagem, partindo para a estação. Algumas horas mais tarde, um dos garotos trouxe um bilhete da minha filha, Ruth, dizendo que haviam chegado bem, sem problemas, à estação, pois não chovera no caminho. Assim que entraram no trem, as torrentes voltaram a cair. E continuou assim ainda por alguns dias.

Os Caminhos Soberanos de Deus
Como costurar e confeccionar roupas para minha família e, ao mesmo tempo, cumprir com todas as responsabilidades e chamadas urgentes como esposa de um pioneiro missionário tem sido um dos problemas mais difíceis e constantes durante quase trinta anos no campo. Porém, as diversas respostas de Deus para trazer soluções a esse problema têm me dado algumas das mais preciosas evidências da disposição do meu Senhor de intervir nos detalhes cotidianos da vida. A história a seguir é um dos mais impressionantes exemplos de como Deus, em sua própria soberania, pode operar no meio de situações aparentemente impossíveis.
Voltando para nossa casa na base missionária, depois de uma temporada especialmente árdua de viagens e pregações em outras vilas, planejei dedicar o mês de dezembro, como era costume, à tarefa de confeccionar roupas para as crianças. Assim, o mês de janeiro ficaria livre para o treinamento bíblico de mulheres que havíamos planejado. Porém, logo fiquei doente e não consegui fazer praticamente nada para atingir minha meta de fazer ou reformar entre 35 e 40 peças de roupa, antes que meus filhos tivessem de voltar à escola em Chefoo. Em meados do mês de dezembro, resolvemos cancelar o treinamento das mulheres em janeiro, devido à minha saúde, e mandei avisos a todas as mulheres, com exceção de uma, de quem me esquecera por completo.
Os dias foram se passando e o peso do serviço a fazer ficava cada vez mais preocupante.

Clamei ao Senhor para intervir em meu favor e ele respondeu de forma maravilhosa. No dia 28 de dezembro, enquanto estava dirigindo a reunião de oração das mulheres, notei a presença da Sra. Lu, justamente aquela que eu havia esquecido de avisar sobre o cancelamento da reunião de treinamento bíblico. Ela percorrera uma longa distância com uma criança pequena, através de estradas montanhosas, e fiquei muito sentida por não a ter avisado.

A Sra. Lu me acompanhou para casa, depois da reunião, e dei dinheiro para ela voltar no dia seguinte. Depois, sentei-me diante da máquina de costura. Ela ficou ao meu lado por um pouco e logo me disse: “Você parece muito cansada, Sra. Goforth; deixe-me costurar para você”.

“Você!…”, exclamei, surpresa. “Mas você não sabe costurar.”

“Sei, sim”, ela respondeu. E insistiu tanto que, por fim, com bastante temor, resolvi deixar que ela tentasse – embora eu só tivesse uma agulha. Em poucos instantes, fiquei convencida de que era mesmo uma perita na máquina. No entanto, quando pedi para que ficasse mais tempo para me ajudar, ela respondeu que como o treinamento estava cancelado, ela voltaria para sua casa no dia seguinte.

Fiquei perplexa com isso. Por que o Senhor permitiria que essa mulher viesse de tamanha distância, justamente ela que era uma das raras mulheres chinesas que sabiam costurar – só para logo em seguida ir embora e a situação continuar sem solução? Não pude fazer nada além de colocar tudo isso diante do Senhor e confiar nele para tomar conta da minha situação.

Mais uma vez, ele respondeu. Naquela noite, uma forte tempestade veio, a qual durou vários dias e fez com que as estradas ficassem intransitáveis. A Sra. Lu, vendo que estava presa pelo tempo, dispôs-se com boa vontade para me ajudar na minha tarefa. Durante um mês inteiro, as estradas ficaram em péssimas condições, e, em todo esse tempo, não tive que me sentar uma só vez na frente da máquina de costura.

Deus Protege Até Quando Falhamos

Numa ocasião em que eu estava na cidade de Tientsin com meus filhos, durante a revolução de 1912, fui fazer compras com um empregado chinês. Entramos em três lojas. Já de volta para casa, no bonde, descobri que havia perdido uma de minhas luvas. O pior era que eu, com falta de bom senso, havia colocado dentro dela o meu dinheiro, uma nota de cinco dólares [que naquele tempo valia bem mais do que hoje! – N. do trad.].

Com vergonha de deixar o empregado chinês saber da minha falta de cuidado, continuei com ele até o fim da linha, descemos do bonde e o despachei para casa. Assim que ele desapareceu, peguei outro bonde de volta para a cidade. Pelo caminho, confessei ao Senhor o meu erro e pedi que ele guardasse a luva e o dinheiro e que me mostrasse onde estavam.

Voltei para as lojas que havíamos visitado mais cedo. Na segunda, que era uma loja de sapatos, vi um círculo de homens conversando – e ali perto, à vista de todos, estava a luva no chão. Melhor ainda, o dinheiro estava dentro dela.

Foi com coração cheio de gratidão ao meu amoroso Pai celestial e uma visão alargada do seu amor por mim que voltei para casa aquele dia.

Seguindo a Palavra

Certa vez, eu estava dando uma classe bíblica para mulheres num dos nossos postos missionários, e estava hospedada na casa de um presbítero da igreja, Dr. Fan. Um dia antes de voltar para casa, a Sra. Fan me pediu para visitar um garoto muito doente. O médico missionário o havia mandado de volta da escola, porque estava com tuberculose. A Sra. Fan me disse que a mãe do rapaz estava em grande angústia e suplicou-me para

ir orar com ela. Encontrei o filho dela em condições muito graves. Sua boca estava inchada, seu rosto pálido como a morte, e a cada instante, tossia de forma a sacudir todo o seu corpo. Parecia ser um caso sem esperança.
No caminho de volta para a casa da Sra. Fan, o texto de Tiago 5.14,15 começou a vir insistentemente para minha mente, como se o estivesse ouvindo audivelmente: *"Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da igreja, e estes façam oração sobre ele, ungindo-o com óleo em nome do Senhor. E a oração da fé salvará o enfermo, e o Senhor o levantará".*
Eu simplesmente não conseguia escapar dessas palavras. Ao chegar à casa do Dr. Fan, pedi para chamá-lo e perguntei se ele e os outros presbíteros estavam dispostos a orar comigo pelo garoto. Embora a princípio parecesse um pouco indeciso, ele concordou. Havia um bom número de cristãos reunidos na casa do rapaz quando chegamos lá para orar. Colocamos o moço no meio e todos nós nos ajoelhamos em volta dele, enquanto eu li as palavras do texto de Tiago. Falei com eles que não podia afirmar se era a vontade de Deus curá-lo; só sabia que devíamos obedecer até onde tínhamos luz e deixar o resto nas mãos de Deus. Várias pessoas oraram, e depois nos dispersamos.
Saí cedo na manhã do dia seguinte para voltar para casa. Por questão de circunstâncias, não pude voltar àquele lugar por algum tempo, mas dois anos depois reencontrei a Sra. Fan na região. Ela me deu a notícia de que o moço havia se recuperado totalmente e estava trabalhando com o pai dele. Verdadeiramente, Deus é fiel.

Achando a Chave

Meu marido estava viajando numa província distante, conduzindo reuniões, e, enquanto isso, fui convidada por alguns cristãos de um posto missionário para pregar numa grande apresentação teatral, de quatro dias, que atraía numerosas multidões. Foi um tempo de imenso desgaste; por várias horas diariamente, tive de enfrentar multidões ingovernáveis, que iam e vinham. No final dos quatro dias, eu estava exausta e só podia pensar em voltar para casa e ir para Wei Hwei, um outro posto, para descansar por alguns dias com meus filhos, que estavam numa escola ali. Estar com eles, eu sabia, restauraria minhas energias mais do que qualquer outra coisa.
Porém, ao chegar em casa, de alguma maneira, perdi a chave da gaveta onde guardava o dinheiro. Era sexta-feira, e o trem para Wei Hwei saía sábado às dez horas. Várias pessoas vieram receber contas, mas tive de dar uma desculpa para adiar o pagamento. Eu não podia viajar sem dinheiro nem deixar a casa com aquele dinheiro na gaveta e a chave perdida em algum lugar.
À noite, depois de jantar, comecei a procurar pela chave em todo lugar que podia imaginar. Gavetas, espaços, prateleiras foram vasculhados em vão. Depois de procurar por duas horas, até não ter mais forças, de repente lembrei: "Ainda não orei a este respeito". Parei ali onde estava, perto da mesa da copa, e elevei o meu coração a Deus. "Ó Senhor, tu sabes como preciso de um descanso; sabes quanto desejo ver meus filhos; tem compaixão de mim e guia-me até a chave".
Em seguida, sem perder um passo em direção errada, passei pela copa, pelo quarto de hóspedes e entrei no escritório do meu marido, para a estante de livros, abri a porta, afastei dois livros e lá estava a chave. Tão perto estava o Senhor naquele momento que parecia quase sentir sua presença física. Eu não havia lembrado de ter posto a chave ali; foi ele que me guiou para lá.
Sim, eu *sei* que Deus responde à oração!

Jesus, Teu Sangue

Jesus, teu sangue e a tua justiça
São agora minha beleza,
Minha gloriosa vestimenta.
Entre os mundos flamejantes,
Coberto por estas vestes,
Com alegria me exultarei.
Com ousadia me apresentarei no teu grande dia,
Pois quem haverá de trazer acusação contra mim?
Totalmente absolvido estou por teu sangue,
Livre do pecado e do medo,
Da culpa e da vergonha.
Senhor, eu creio que teu precioso sangue,
Que eternamente, diante do propiciatório de Deus,
Suplica em favor dos pecadores
Foi derramado por mim, sim, por minhas transgressões.
Senhor, eu creio que ainda que os pecadores
Fossem mais numerosos que a areia nas praias do mar,
Por todos eles o resgate que pagaste bastaria,
Para todos obtiveste plena expiação.

Letra de hino escrito pro Nicolaus von Zinzendorf

http://www.oarautodasuavinda.com.br/como-sei-que-deus-responde-a-oracao-parte-viii

Não me recordo de uma época em que não tivesse algum grau de amor por Jesus Cristo como meu Salvador. Quando ainda não havia completado 12 anos de idade, numa conferência de reuniões especiais, aceitei Cristo publicamente e o confessei como meu Senhor e Mestre.
Daquele tempo em diante, nasceu no meu coração um profundo anseio para conhecer Jesus mais de perto, pois ele me parecia muito irreal, distante e visionário.
Uma noite, quando ainda era bem jovem, lembro-me de ter ido embaixo das árvores no jardim e de ter olhado para o céu estrelado, com um anseio muito grande de sentir Jesus bem perto de mim. Ao ajoelhar-me ali na grama, sozinha com Deus, o clamor de Jó tornou-se meu: *"Ah! Se eu soubesse onde o poderia achar!"* (Jó 23.3).
Se eu soubesse que quase quarenta anos se passariam antes que esse anseio fosse satisfeito, será que teria suportado?
Junto com o anseio de conhecer a Jesus, ou literalmente de *encontrá-lo,* veio também um desejo intenso de servi-lo. Mas que natureza terrível eu tinha! Cheia de paixões, orgulhosa, voluntariosa – eu sabia que nada disso era semelhante a Jesus.

Uma Grande Chacoalhada
Passando por cima de vários anos de certa mornidão na minha luta contra a natureza pecaminosa, minha narrativa recomeça no quinto ano do nosso trabalho missionário na China. Lamento ter de confessar que a nova vida numa terra estranha, com o clima difícil, empregados irritantes e circunstâncias totalmente desgastantes, ao invés de subjugar meu temperamento natural, na verdade o fez manifestar-se com força ainda maior.
Um dia (que jamais esquecerei), eu estava sentada dentro de casa perto da janela, ao

entardecer. Duas mulheres chinesas cristãs sentaram-se do lado de fora. Sem saber da minha presença, começaram a falar a meu respeito e eu (indevidamente) fiquei a ouvi-las.

"Sim", uma disse, "ela trabalha muito, prega com muito zelo e – com toda certeza – nos ama; mas que pavio curto ela tem! Se ela vivesse mais o que prega…"

Em seguida, as duas passaram a fazer uma descrição completa e verdadeira da minha vida e caráter. O que disseram foi tão verdadeiro que não houve espaço para gerar aborrecimento ou ira no meu interior; deixou-me simplesmente humilhada até o pó. Vi, então, como era inútil, pior que inútil, ter vindo para a China pregar Cristo – e não estar *vivendo* Cristo. Mas como viver Cristo?

Eu conhecia alguns (incluindo meu querido marido) que tinham paz e poder em suas vidas – sim, e algo além disso que eu não sabia definir, algo que eu não tinha. Quanto eu ansiava para descobrir o segredo!

Seria mesmo possível, com uma natureza como a minha, que um dia eu me tornasse paciente e mansa?

Seria possível que um dia eu parasse de me preocupar?

Será que eu podia ter esperança de realmente viver Cristo e não somente de pregá-lo?

Eu sabia que amava Jesus; vez após vez, eu havia provado minha disposição de entregar tudo por amor a ele. Mas eu sabia, também, que uma explosão de ira com os chineses ou com os meus filhos na frente deles poderia desfazer semanas ou, talvez, meses de sacrifício abnegado em favor da causa de Deus.

Encontrando o Poder do Espírito

Os anos que se seguiram me conduziram muitas vezes pela fornalha de fogo. O Senhor sabia que nada menos do que fogo seria capaz de queimar a escória em mim e subjugar minha teimosa vontade própria. Esses anos podem ser resumidos em uma frase: "Lutando, mas não encontrando; seguindo, guardando, pelejando." Sim, e falhando!

Às vezes, encontrava-me nas profundezas do desespero pelos fracassos; depois, levantava-me outra vez, determinada a fazer o meu melhor – porém, como era fraco o meu melhor!

No ano de 1905, e nos anos seguintes, enquanto eu via a forma maravilhosa como o Senhor guiava o meu marido e testemunhava o poder do Espírito Santo em sua vida e mensagem, comecei a buscar mais especificamente a plenitude do Espírito para mim.

Foi um tempo de profundos autoexames interiores. O pecado foi revelado para mim como extremamente abominável, de uma forma que nunca antes havia sentido. Muitas, muitas coisas precisaram ser consertadas diante de homens e de Deus.

Foi nessa época que aprendi o que significa "pagar o preço". Houve maravilhosas experiências no pico das montanhas, em que aprendi a honrar o Espírito Santo e a buscar o seu poder para vencer o pecado de uma maneira totalmente nova.

Contudo, para mim, Jesus ainda permanecia distante e difícil de se conhecer, como antes, e eu ainda sentia grande anseio para me aproximar dele – para *achá-lo*. Mesmo tendo mais poder sobre os pecados que me atormentavam, eu continuava a passar por muitos períodos de trevas e fracassos.

Enfim, a Resposta

Foi durante um desses vales mais escuros que fomos obrigados a retornar para o Canadá, em junho de 1916. A saúde do meu marido não permitia que ele falasse em público, portanto parecia que agora eu teria de assumir esse dever para ele e para mim. Porém, eu tinha muito receio de enfrentar a igreja sede sem ter graça espiritual, visão ou esperança para mim mesma. O Senhor viu a fome do meu coração e, a seu próprio modo, cumpriu literalmente a promessa: *"Pois ele satisfaz a alma sedenta, e enche de bens a alma faminta"* (Sl 107.9).

Uma conferência espiritual estava programada para o final de junho, na província de Ontário, e senti direção de ir para lá. Durante a conferência, fui a uma das reuniões, meio a contragosto, porque estava me sentindo mais atraída a permanecer próximo a um lindo lago que havia no local.
Porém, o Senhor tinha algo de especial para mim. O pregador não me era conhecido, mas desde suas primeiras palavras, conseguiu cativar minha atenção, pois seu assunto era *"Vitória sobre o Pecado".* Bem, esse era o motivo das minhas lutas, da minha fome, durante toda minha vida! Será que eu acharia a resposta?
O pregador começou descrevendo, de forma bem simples, a experiência comum da vida cristã – ora nos cumes das montanhas, com visões de Deus; ora nas recaídas, com diminuição da visão, frieza, desânimo, quem sabe até uma desobediência explícita, e as consequências do declínio espiritual. Depois, talvez, uma tristeza ou até uma misericórdia especial de Deus trazia a pessoa de volta dos seus caminhos tortuosos.
O pregador pediu que todos que sentiam ser esse o quadro real da sua experiência cristã levantassem as suas mãos. Eu estava sentada na primeira fileira, e somente a vergonha me impediu de levantar a mão imediatamente. Porém, eu queria muito alcançar tudo que Deus tinha para mim e estava determinada a ser autêntica; por isso, depois de uma luta, levantei minha mão.
Curiosa para saber se os outros estavam se sentindo como eu, aventurei um olhar para trás e vi muitas mãos levantadas, embora a audiência fosse formada quase exclusivamente de obreiros cristãos, pastores e missionários.
Em seguida, o pregador disse que a vida que acabara de descrever não era aquela que Deus planejara ou pretendera para seus filhos. Ele descreveu a vida mais elevada de paz e descanso no Senhor, de poder e libertação das lutas, das preocupações, da ansiedade. Enquanto eu ouvia, quase não conseguia acreditar que isso pudesse ser verdade; no entanto, todo meu ser se comoveu, de tal forma que era difícil controlar minhas emoções. Vi, então, embora ainda sem muita clareza, que estava me aproximando do alvo que havia lutado tanto para alcançar durante toda a minha vida.
Na manhã seguinte, logo depois do alvorecer, coloquei-me de joelhos e comecei a passar cuidadosamente e em espírito de oração por todas as passagens bíblicas sobre a vida vitoriosa que encontrei em um pequeno folheto distribuído pelo pregador do dia anterior.
Que conforto e força eu recebi ao ver claramente na Palavra de Deus que a vontade dele para seus filhos era justamente essa vitória – não a derrota. E que provisão maravilhosa ele havia preparado para esse fim!
Durante os dias que se seguiram, maior luz veio para mim. Fiz o que o pregador havia indicado: de maneira quieta, porém bem definida, aceitei Cristo como meu Salvador do *poder* do pecado, assim como, há tantos anos, eu o havia aceitado como meu Salvador da *penalidade* do pecado. E nisso eu descansei.

Saí daquele lugar consciente, porém, que algo ainda estava faltando. Senti-me como o homem cego deve ter se sentido quando disse: *"Vejo os homens, porque como árvores os vejo, andando"* (Mc 8.24). Eu estava começando a ver a luz, porém de forma ainda muito incompleta.
Um dia depois de chegar em casa, peguei um pequeno livreto intitulado *A Vida Que Vence,* que ainda não havia lido. Indo ao lado da cama do meu filho, expliquei para ele que continha o testemunho pessoal de alguém que Deus usara para trazer grande bênção para minha vida. Comecei, então, a ler em voz alta até chegar a estas palavras: "Finalmente, reconheci que Jesus Cristo estava realmente e literalmente dentro de mim".

Parei, atônita. Parecia que o sol acabara de sair de detrás das nuvens, inundando todo o meu ser de luz. Como eu fora cega! Finalmente, pude ver o segredo da vitória: era simplesmente o próprio Jesus Cristo vivendo sua vida em nós.

Na verdade, a ideia de vitória até ficou em segundo plano diante da alegria incalculável de reconhecer a presença dele, habitando no meu interior! Como uma viajante, cansada e exausta, que acabou de achar o caminho de volta para casa, finalmente pude simplesmente *descansar* nele. Descansar no seu amor – descansar nele mesmo. Que paz e gozo inundaram minha vida!

Uma quietude e um descanso de espírito que nunca pensei que iria alcançar tomaram conta do meu ser, de forma tão natural. Literalmente, uma nova vida iniciou-se para mim, ou melhor, em mim. Era simplesmente a "vida que está em Cristo".

O primeiro passo que tomei nessa nova vida foi firmar-me na própria Palavra de Deus e não nos meros ensinamentos dos homens ou mesmo na experiência pessoal. E, enquanto eu estudava, especialmente a verdade da habitação interior de Deus, da vitória sobre o pecado e da abundante provisão de Deus, a Palavra parecia estar literalmente iluminada de maneira nova.

Os anos que se seguiram foram anos de abençoada comunhão com Cristo e de alegria no seu serviço. Uma amiga me perguntou há pouco tempo se eu podia dar em uma frase o resultado na minha vida dessa experiência que tive em 1916, e eu respondi: "Sim, posso resumir tudo em uma palavra: *descansar*".

Alguns me perguntaram: "Mas você nunca mais pecou?" Sim, lamento muito dizer que ainda tenho pecado. O pecado é aquilo que mais aborreço – pois é a única coisa que pode nos separar, se não houver arrependimento, não só de Cristo, mas da consciência da sua presença. Contudo, tenho aprendido que há perdão instantâneo e restauração sempre à nossa disposição. Não precisamos mais nos desesperar.

Um dos resultados mais abençoados dessa nova vida é não só a consciência da presença de Cristo, mas a realidade da sua presença manifestada em coisas definidas quando, nos detalhes diários, as questões são colocadas em suas mãos e ele assume o controle.

Lembremos que simplesmente saber da existência das riquezas nunca nos beneficiará de fato. Precisamos apropriar-nos delas.

Toda a plenitude habita em Cristo. É somente quando nos apropriarmos de Cristo pelo Espírito Santo que será possível essas riquezas se tornarem nossas. O lema dessa gloriosa vida em Cristo é: *"Solte as rédeas e coloque-as nas mãos de Deus!"*

http://www.oarautodasuavinda.com.br/como-sei-que-deus-responde-a-oracao-parte-ix